João Luiz
Celestino de Barros

A Saga da Família Celestino de Barros

A Saga da Família Celestino de Barros

João Luiz Celestino de Barros

A Saga da Família Celestino de Barros

Rio de Janeiro
2007

Sumário

Prólogo

Durante muito tempo relutei em escrever a história de nossa família, que é a história de minha própria vida.

O que você vai ler, se tiver a paciência necessária, não é nenhuma peça literária digna de um bom escritor, por dois motivos: - Primeiro, porque não tenho nem nunca tive a mais tênue pretensão de entrar para a Academia Brasileira de Letras; segundo, porque sou consciente de minhas limitações literárias.

De qualquer modo, acho válido escrever sobre minha família, tanto para os mais novos que pouco ou quase nada conhecem do assunto, quanto para os mais antigos que nunca pararam para pensar sobre isso, e descobrir que passamos por bons e maus momentos, mas sempre confiantes no porvir, porque tínhamos um pai zeloso, tranqüilo, persistente, um homem de fé, que sempre confiou em Deus, que nunca nos desamparou, e sempre estava pronto a mostrar o caminho que deveríamos seguir, lutando, lado a lado com nossa mãe, mulher obstinada, que nunca se deixou vencer pelas adversidades da vida.

Hoje, quando vejo famílias inteiras se desintegrando, se desestruturando, fico pen-sando no valor de um pai à frente da família.

Os episódios a seguir descritos não obedecem necessariamente uma cronologia, isto por conta do escritor, ou mesmo pelos setenta anos que ainda restam na memória.

Conhecer esta história é viajar no tempo. É entrar num túnel de volta para o passado.

Sei que muitos vão me perguntar: - por que você só falou de coisas tristes e difíceis? Acontece que viver no Brasil na década de 30 e subseqüentes era mesmo triste e difícil. Que se dirá viver em Teresina?! Era tudo muito difícil, porque a carência era geral, não só para os pobres ou remediados, como nós, como também para os mais abastados. O mundo em si era muito atrasado em tudo.

Imagine se você hoje vivesse num lugar sem eletricidade, sem transportes, sem geladeira, sem liquidificador, sem avião, sem televisão, sem rádio, sem fax, sem computador, sem fogão a gás, sem aparelho de barba, sem caneta esferográfica, enfim, sem nada mesmo, você teria alguma coisa boa para contar?

Seria muito difícil...

Em fevereiro deste ano de 2006, estive visitando Teresina e pude observar que a cidade cresceu bastante, se modernizou, não é mais o retrato daquela cidade que deixei em 1945, e fiquei avaliando a visão que tiveram meus pais em sair de lá, na hora certa.

Se você está disposto a seguir em frente, venha comigo!

Ou pare agora...

Buscando as raízes

Desde criança, sempre tive o desejo de conhecer a origem de nossa família, por parte de meu pai, posto que o que conhecia era praticamente, o que dizia respeito à família de nossa mãe.

Por sugestão de minha irmã, Maria José, e por simples instinto de curiosidade, que me é muito peculiar, resolvi pesquisar na internet sobre a origem da família CELESTINO DE BARROS, dessa forma resgatar a saga de uma família de gente humilde, mas trabalhadora, estudiosa, honesta e altruísta. Essa pesquisa me transportou à floresta brasileira.

Isso veio corroborar a história que ouvi de um tio, quem vim a conhecer, quando de nossa mudança para o Rio de Janeiro, nos idos de 1945, quando eu tinha apenas onze anos. Dizia meu tio, João Celestino de Barros, a quem o tratávamos com muito carinho por Tio Joca, que a família Celestino de Barros teve origem no estado do Ceará, e qualquer pessoa que traga o sobrenome, "Celestino" será com certeza parente, próximo ou remoto.

Contava meu tio que o dignatário da capitania hereditária do estado do Ceará, Antonio Cardoso de Barros, tomou um indiozinho para criar a quem reconhecera como filho, batizando-o com o nome de CELESTINO DE BARROS.

A partir daí, a conclusão que fazemos é que os filhos de Celestino de Barros (o índio) adquiriram nomes tais como, João, José, Pedro, etc., e por sobrenome Celestino de Barros. Meu tio foi João Celestino de Barros e meu pai: José Celestino de Barros, o mesmo nome que aparece no site da Web como sendo líder de uma tribo (Pesquise na Web). Esse índio é cacique da tribo "Pankararé", ou "Pankararu", uma tribo em extinção, como ocorre praticamente com todas as demais que sobreviveram à sanha de nossos colonizadores.

José Celestino de Barros, descendente direto dessa tribo, vai morar no Estado do Piauí, mas precisamente em Floriano, onde conheceu a neta de um fazendeiro, sendo ela filha de Heliodoro Silva e Augusta Ferreira Dantas, que após o matrimônio passou a Augusta Ferreira de Silva. Batizada com o nome de Raimunda Ferreira da Silva, minha mãe, após contrair matrimônio com José Celestino de Barros, adotou o nome de Raimunda Ferreira Barros e, para os íntimos, carinhosamente era chamada de "Mundoca".

Desse casamento nasceram treze filhos que, na ordem cronológica, se chamaram: Maria José Ferreira Barros; Benedito Celestino de Barros; Zila Ferreira Barros; Augusta Ferreira Barros; Belino Ferreira Barros; Ruth Ferreira Barros; Noemi Ferreira Barros; João Luiz Celestino de Barros; Abrahão Celestino de Barros; Moisés Celestino de Barros; Josemary Ferreira Barros; Magnólia Ferreira Barros e Heliodoro Celestino de Barros, todos nascidos no Estado do Piauí, sendo que Magnólia veio a falecer de pneumonia dupla, seis meses após o nascimento.

A casa da praça

O ano ia passando, e pouca recordação João guardava daquela casa, ali mesmo no praça. Só lembra que era uma casa baixa, duas portas e uma janela de frente, pintada de branco e uma barra azul e ficava numa rua que desembocava bem na Praça Rio Branco. Essa praça tinha uma igreja católica bem alta, com sino e uma cruz lá no alto, como acontece com toda praça de cidade do interior que se preze.

Do ano nem tinha noção. Nem sabia que o tempo era dividido em anos, meses, dias, como se fosse a fita métrica de material emborrachado que a mãe usava para medir tecido.

Muito mais tarde, talvez uns três anos depois, João foi matriculado no Grupo Escolar Felix Pacheco. Aí sim, 1941, ele lembra do ano e que tinha sete anos. A vida não lhe passava pela cabeça; do futuro nada sabia e do passado muito menos. Ah! Sim. Aquela casa tinha um quintal grande, e lá nos fundos um banheiro cimentado e lodoso. Nesse quintal fora plantado uma enorme mangueira que, quando era tempo de frutificar, fazia a empregada, de manhã, encher uma bacia enorme de mangas colhidas. Mangas de fiapos, como se dizia. Não me lembrava mais de nada, além disso. Também, tinha só sete anos que chegara a este mundo...

No grupo escolar foi aquela decepção no início. Um misto de medo (a régua ainda corria solta nas

mãos de quem não respondia certo, nos dias de sabatina) e de deslumbramento. Estava estudando; falava pra todo mundo que encontrava.

D. Philonila, - ah!, Esse nome ele não esqueceria nunca mais: - alta, magra, os nervos do pescoço se destacavam quando se aborrecia, o cabelo penteado com uma espécie de coque espetado por uma porção de grampos compridos (Grampos de velha, como as meninas chamavam), e aquele vestido com uma gola de seda preta com rendas brancas em volta. Nunca fora vista com vestido de outra cor... Promessa, falavam. Não, diziam outros, o marido morreu e ela não casou nunca mais... Era costume da terra.

Parece que estava descobrindo um mundo novo. João, na hora do recreio, ficava parado no salão imenso, tábuas corridas, olhando os meninos brincando de uma brincadeira que ele não entendia bem, todo mundo corria ao mesmo tempo. Lá em baixo, o porão. Diziam que tinha um quarto escuro. D. Philonila costumava mandar para lá os que tinham mau comportamento. Isso, João nunca tinha visto, apenas diziam... Agora, dar com a régua na cabeça dos alunos e puxar as orelhas, ate ficarem vermelhas, isso não tinham conta.

Parecia que João estava num outro mundo. Tinha naquela época oito irmãos maiores que ele, mas em casa as brincadeiras eram diferentes, não tinha aquela agitação toda. Eram carrinhos com rodinhas de aço e esferas encontradas num ferro-velho perto de casa, e que o irmão mais velho caprichava na feitura.

Certo dia, naquela correria toda, rolou escada abaixo e caiu no porão. Silêncio total. Caiu um menino, gritaram. Quem foi? O João, empurrado por aqueles galalaus da quarta-série. Só podia ser!...

D. Philonila surgiu: mulher feia igual àquela não aparecia, surgia... Dentes protusos (ela não ria, só

mostrava os dentes), trazendo na mão um copo com uma mistura de água e iodo. Iodo mesmo, era só o que sabia dar: água com iodo, gosto horrível. T'esconjuro! Onde já se viu? Se fosse em casa, a mãe de João dava logo umas gotinhas de arnica com água. Arnica, sim, que era remédio de confiança... Homeopatia!

Não deu em nada, mas garantiam que foi por causa do iodo. Ora, iodo só serve para corte com faca ou caco de vidro, ou coisa parecida. Isso sim, dizia Antonia, a criada que cuidava dele como se fosse mãe. A mãe, que tinha oito filhos só intervinha em casos mais graves. Antonia, criada bem-criada, era uma espécie de governanta em casa de pobre. Ela sabia de tudo que se passava na casa, ajudava na lavagem de roupas e louças, e à noite quase sempre acordava para dar água para algum que pedisse. Calor danado! – Que nada, é lombriga! Lombriga dá sede à noite, dizia. Mas não tinha problema, nas férias todo mundo ia entrar na sessão de Panvermina... Era a sentença que não falhava.

Antonia fazia o curso primário junta com Maria José. E gozava das mesmas regalias.

A Rua do Fio

Era aquele entra-e-sai das clientes de minha mãe, que vinham para encomendar um vestido novo ou um chapéu de última moda...

Naquela casa nasceu Abrahão. Nos três meses tudo parecia dentro de uma normalidade de uma criança recém-nascida. Somente a partir dos três primeiros meses, certa manhã, minha mãe notara que os olhinhos dele estavam tremendo e logo ela viu que havia alguma anormalidade com sua saúde. Apareceu uma febre alta. Imediatamente, foi levado ao médico que, após alguns exames, diagnosticou: paralisia infantil. Naquele tempo, as crianças, assim como a humanidade, ainda não conhecia a vacina Sabin, que veio em boa hora para salvar muitas vias e sofrimentos.

Esta era nossa casa. A fachada foi modificada: onde eram três portas, hoje são janelas e a barra em pedra madeira era pintada de azul.

Minha mãe reclamava muito daquela casa, que tinha uma correnteza de ar muito grande e a isso atribuía a doença de nosso irmão.

Não sei, mas talvez por esse motivo, meu pai logo providenciou nossa mudança para outra casa.

Era uma casa de esquina, com duas portas para cada lado, e outra, como entrada principal, sendo que as portas da esquina serviam como entrada para uma loja que viria a ser uma quitanda, ou mercearia, não sei bem.

Aquela casa ficava na antiga Rua do Fio, que tinha esse nome porque era a rua que tinha postes com fios de telégrafos. Depois passou a chamar-se, Rua Arlindo Nogueira, de numero 388-S, sendo que a outra que fazia esquina chamava-se, Rua Olavo Bilac. Antes se chamara Rua de Santo Antônio. Ali ficava a frente da casa, mas, posteriormente, papai transferiu a frente para a outra rua, porque o vizinho "Pedro Brinquedo" construiu uma fieira de casas geminadas, cobertas de palhas, e passou a alugá-las para pessoas de pouca reputação. Em pouco tempo, aquilo virou um verdadeiro lupanar. Dessa forma, nossa família não estava obrigada a cenas indecorosas.

Minha avó tinha um irmão, Sebastião, muito branco, de olhos verdes, cabelos louros, casado com uma mulher de cor pardacenta. Certo dia, ela passava pela rua em frente àquelas casas quando ouviu uma mulher, de dentro de casa, gritar: "lá vai a macaca do Bastião!"

Chegando em casa, contou para o marido. Foi o suficiente. Ele partiu para lá, munido de um porrete. Quis saber quem teria falado aquilo. Foi a Caleó quem falou, disseram.

Esta é a casa do "seu" Pedro Brinquedo. A original não tinha **o beiral que apresenta agora.** Esta casa ficava diagonal à nossa **("xis com"** a nossa casa), como se falava.

Como Sebastião não sabia quem era Caleó, foi sentando o porrete em tudo que era mulher que encontrava. Foi um verdadeiro alvoroço... Saía mulher de dentro de casa, vestidas, nuas, de qualquer jeito, e o caso terminou na polícia...

Naquela casa passei a primeira parte de minha infância. Na calçada larga, de alvenaria e contornos de cimento eu andava de velocípede, o que de certa forma fazia inveja a muita criança que não tinha o privilégio de possuir um também.

Nosso pai logo se estabeleceu ali, com uma mercearia onde se vendia de tudo: arroz, feijão, milho, carne seca, azeite, gamela, achas de lenha para cozinhar, panelas, e tudo mais que se neces-sitava no dia-a-dia.

Era uma casa colonial, típica do interior... no quintal, apenas um pé de laranja da China e algumas bananeiras. Ah; sim, lá nos fundos do quintal, um enorme oitizeiro.

Antes da nossa mudança para lá, alguns de meus irmãos foram conhecer a casa. A Ruth voltou

revoltada. Como se deixar uma casa no centro da cidade para ir morar naquela casa "espora"? Naquela época, não entendia bem o que ela intitulava "espora" só mais tarde vim a perceber que era uma palavra que o povo usava quando queria se referir à coisa de pouco valor. Espora, para quem não sabe, é um instrumento de ferro que fica preso no calcanhar dos cavaleiros, preso por uma correia, e serve para controlar o andar do cavalo. Certamente, a correlação vem daí: coisa de pouco valor, desprezível.

À noite, a vizinhança costumava sentar em cadeiras que colocavam nas calçadas, à espera que o tempo ficasse mais agradável. O calor, em determinados meses do ano, em Teresina, é insuportável, valendo lembrar que ainda não existia ventilador nem, tampouco, ar-condicionado, que só muito tempo depois viria a ser conhecido. Ali se conversava de tudo. As últimas notícias saídas do único jornal da cidade, "O Povo", ou outras notícias que chegavam transmitidas boca a boca.

Como ainda ninguém tinha rádio, um meio de comunicação que só viria a ser conhecido a partir da Segunda Guerra Mundial, as pessoas não podiam ouvir novelas, nem nada que pudesse se divertir.

Havia, já naquela época, os contadores de histórias. Pessoas que liam histórias de cordel, e as transmitiam oralmente aos outros. O mais famoso escritor era chamado Trancoso; Só mais tarde vim saber, era um escritor do povo, pernambucano, ou cearense, não sei ao certo, que escrevia história de ficção, suspense, drama, romance e que fazia muito sucesso, principalmente entre as moças e rapazes da época.

Um vizinho nosso, de nome Amadeus, sabia de cor muitas daquelas histórias que as lia e as decorava sem esquecer nenhum detalhe. À noite, moças e rapazes da vizinhança traziam cadeiras e sentavam-

se na calçada para ouvir aquelas histórias. Eu, às vezes, aproveitava para ouvir também alguma história, mas não gostava muito quando se tratava de terror, porque ao dormir sentia muito medo e tinha que ir para a cama dos meus pais.

Como fazia falta as nossas televisões!...

Por algumas vezes, ouvi contar a história de um certo homem que não sei bem, mas que o chamarei de José, para melhor entendimento. Essa história me parecia de terror e não se parecia em nada com as histórias de Trancoso, mas que deixarei para contar no capítulo seguinte.

Outra vista da nossa casa, vista pela rua Arlindo Nogueira, 388-S. O interior da casa permanece inalterado.

Um milagre aconteceu

Como tudo que conto nesse livro, não posso estabelecer exatamente a ordem cronológica da nossa história, pois era ainda criança.

Mas havia uma história que eu ouvia, e que era contada à boca pequena, de um certo homem negociante, de boa condição financeira que era casado com uma certa mulher de família abastada, com alguns filhos, mas que era muito mulherengo e também viciado em bebida alcoólica e tabaco. Com isso a mulher dedicada ao lar sofria muito, pois via quase todo o dinheiro ganho com a sua ajuda ser gasto com mulheres de cabarés. Um dia, por insistência da esposa, foi a um médico que prognosticou três anos de vida para ele, no máximo. Para efeito de melhor entendimento, chamemo-lo de José.

José fora morar bem próximo a uma Igreja Batista e, à noite mesmo sem querer, ouvia sermões que eram feitos em voz alta. Por oferta de membros daquela igreja, ganhara um livro intitulado "O Peregrino", de um autor pouco conhecido então, chamado John Bunyan. Lera aquele livro com bastante interesse, e, nos dias de culto naquela igreja, ficava atento aos sermões.

Certa noite teve um sonho muito estranho. José sonhou que estava numa cidade distante e observava pessoas diferentes, costumes diferentes, roupas estranhas, espécie de mantos e andavam de

sandálias. Era gente rude, gente do povo, sem nenhuma instrução que acompanhava um certo homem como se fosse um líder ou um deus qualquer.

Um dia, por acaso, José deu de cara com aquele líder e ficou estático como se tivesse sido atingido por uma descarga elétrica, um raio. Aquele homem mexeu com os seus sentimentos, com suas convicções, com seus brios, com seu modo de vida.

Era um homem realmente diferente, na aparência, na maneira de falar, na forma de se dirigir às pessoas e, ao acordar daquele sonho enigmático, não conseguia se concentrar para o trabalho e via, como se fosse um retrospecto de um filme, todos os detalhes, a fisionomia daquele homem, a maneira de falar que, em falando para todos os que o acompanhavam, parecia que falava diretamente para ele, José.

Àquele estranho personagem o povo chamava de "O Grande Profeta", e a seus discípulos, "Filhos de Deus".

Diariamente, contavam deles grandes prodígios: dava vida aos mortos, curava enfermidades, e trazia assombrada toda a cidade com sua extraordinária doutrina. Era um homem alto de majestosa aparência; sua face, ao mesmo tempo severa e doce, inspirava respeito e amor a quem a via. Seu cabelo era da cor de vinho, e descia ondulado sobre os ombros, dividido ao meio, ao estilo nazareno. Sua fronte era pura e altiva; sua cútis rosada e límpida; a boca e o nariz eram perfeitos; a barba era abundante e da mesma cor do cabelo; os olhos azuis plácidos e brilhantes; as mãos finas e compridas; os braços de uma graça encantadora. Era grave, comedido e sóbrio em seus discursos. Respondendo ou condenando, era terrível; instruindo e exortando, sua palavra era doce e acariciadora. Ninguém nunca o viu rir, mas muitos afirmavam o terem visto chorar.

Caminhava com os pés descalços e a cabeça descoberta. Quando as pessoas o viam à distância o depreciavam, mas estando na sua presença, não havia quem não estremecesse com profundo respeito. Quando se acercavam dele afirmavam terem recebido enormes benefícios, mas havia os que o acusavam de ser um perigo para o imperador romano Tibério César, porque aquele estranho personagem afirmava publicamente que reis e escravos eram todos iguais perante as leis que regem o universo.

José não conseguia esquecer aquele sonho e teve uma verdadeira perturbação mental e uma transfo-rmação tão grande que os íntimos diziam que ele havia enlouquecido. Realmente parecia possuído por um espírito estranho.

Numa certa manhã, tirou das prateleiras de sua mercearia todas as garrafas de bebidas alcoólicas, maços de cigarros, rolos de fumo que ficavam sobre o chão da loja, e que costumava vender aos pedaços; e abrindo um buraco muito grande no quintal da casa enterrou tudo ali para não ser consumido por mais ninguém. Enlouqueceu, diziam os que o conheciam.

Imagine o leitor que o mundo vivia, naquela época, ainda sob os efeitos de um catolicismo retrogrado ainda se enquadrando nas reformas feitas por Marquês de Pombal que expulsou do Brasil os inquisidores enviados por D. José III, rei de Portugal.

José perdeu todos os amigos, afastaram-se dele, com raras exceções, todos os parentes. A esposa que de nada entendia passou a tratá-lo com certa indiferença. E a mercearia foi à falência. Ninguém mais queria entrar naquela mercearia que não vendia cachaça ou fumo e que agora era de um "herege".

Numa tarde daquelas, ensolaradas e calorentas, dois cunhados de José, os dois mais velhos,

traiçoeiramente, entrando pelos fundos da casa o chamaram e, de súbito, aplicaram-lhe tremenda surra com chicotes de umbigo de boi, como era conhecido. Trata-se de um tipo de tendão tirado da barriga do boi ao ser sacrificado. Depois de seco, ele enverga-se com facilidade e, para melhor ser manuseado, e ter maior flexibilidade aplicam-lhe sebo bovino. É terrível levar uma surra com aquele tipo de chicote. Mas José suportou aqueles vergalhões com resignação, pois bem sabia por quem sofria.

Os cunhados não aceitavam que ele tivesse mudado de religião, muito embora sabendo que sua vida passara por uma grande transformação, para melhor.

Dali para frente foi bem difícil recomeçar toda uma vida. Mas, José nunca desanimara e com muito sacrifício passou a criar os filhos, sem nenhuma ajuda, exceto de um tio da mulher dele, de nome Nilo, de quem falarei mais adiante.

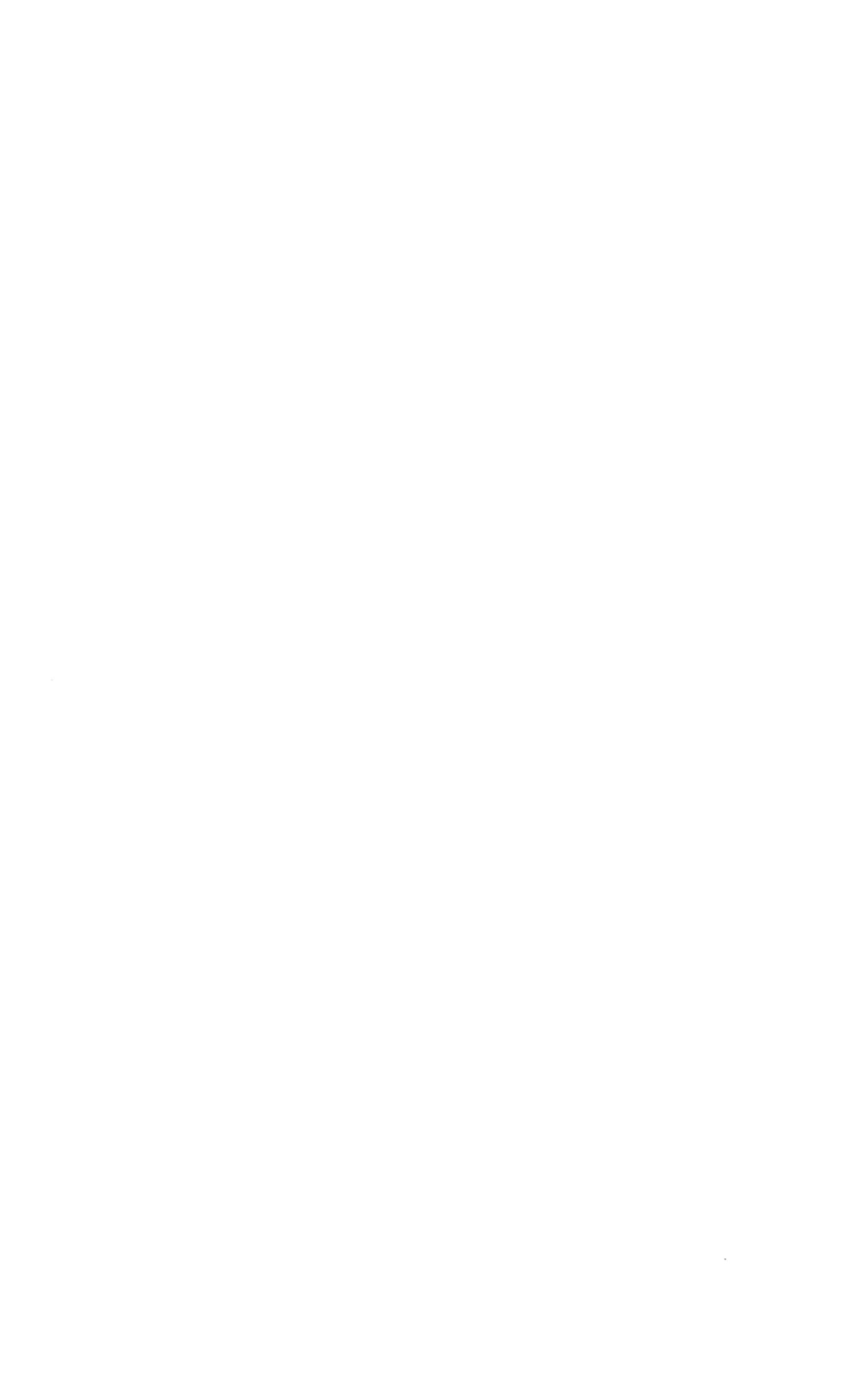
Ali começava a "via crucis" de José que iria se arrastar por muito tempo, com resignação.

Aos poucos a vida de José foi se refazendo. No quintal da casa ele construiu uma casinha, ligada à principal, de frente para a Rua do Fio, e com o aluguel ajudava a manter a família. Seus bens foram se multiplicando e ao final possuía, no mesmo terreno, oito casas que lhe rendiam alugueres que, de certa forma, dava para o sustento da família.

Os filhos em idade escolar estudavam, e os mais velhos já cursavam o ginasial no Liceu Piauiense, o mais conceituado colégio do Estado.

E José voltou a ser feliz com toda a filharada...

José viveu até aos noventa e sete anos de idade quando, então, foi chamado pelo Senhor para habitar um lugar chamado "Seio de Abrahão", em

outra dimensão. Ali chegando, José foi recebido por várias pessoas, algumas conhecidas, outras não, vestidas de branco reluzente e que cantavam um hino que dizia: "Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida."

Um caso insólito

Corria o ano de 1941.

Eu estava com sete anos e completara a idade de ingressar na escola. Minha mãe me vestiu com a melhor roupa que tinha, calçou-me os sapatos e partimos confiantes para o Grupo Escolar Felix Pacheco, no centro da cidade.

Esse Grupo Escolar ficava exatamente em frente à Praça da República, um pouco acima das margens do Rio Parnaíba, e bem próximo ao mercado público. O prédio aonde funcionava o Grupo era um prédio antigo, com escadas na frente, e, segundo me disseram, ali funcionara, antes da ditadura de Getúlio Vargas, a Câmara de Deputados do Estado do Piauí.

Lá chegando, dirigimo-nos à sala de secretaria da escola e fomos recebidos pela solícita secretária que quis saber o motivo de nossa presença lá.

Minha mãe disse que gostaria de matricular o seu filho naquele estabelecimento de ensino. A secretária olhou para nós, como que fazendo uma avaliação sócio-econômica, mas nada decidiu. Perguntou onde morávamos. "Rua do Fio", respondeu minha mãe. A nossa casa ficava a cinco quadras do Palácio Karnak, sede do Governo, mas era considerada rua de subúrbio. A secretária preferiu levar-nos à presença da Diretora da Escola. Expôs a situação e, então, a diretora fazendo o mesmo estudo visual que, ao que

parecia, era a forma de selecionar os alunos, virou-se para a secretária e disse: "É... Pode matricular... Ele não tem cara de moleque, não!"

Minha mãe, que não gostava de levar desaforos para casa, engoliu em seco, pensou. Naquele momento, tinha que usar de diplomacia, precisava matricular o filho (Ó tempos, ó mores!).

Ali eu iniciei meus estudos, matriculado na primeira série primária. Sua classe ficava numa sala no centro do prédio, de forma circular, delimitada por balaústres de madeira polida. Como se tratava de casa antiga, pé direito muito alto, de dia o forro de teto servia também como dormitório de morcegos. Era comum vê-los cair, às vezes, durante o dia por um descuido qualquer sobre as carteiras da escola.

Naquela manhã ensolarada, tudo corria bem até que fomos avisados da presença de um representante da igreja que veio nos visitar. Era um Frei. Usava barbas longas, já grisalhas pelo tempo e trajava um hábito marrom, tendo por cima um cordão grosso amarrado à cintura.

Ia me esquecendo de falar que, como éramos filhos de um pai "protestante" éramos estigmatizados por colegas e, por que não dizer, professores, também.

Naquela manhã isso veio a confirmar-se. Com a presença do Frei, a professora avisou à turma que ele faria uma demonstração de como se processava o ritual do batismo católico. A protagonista foi exatamente a "herege", Ruth Ferreira Barros, minha irmã.

Aos prantos, Ruth foi levantada pela professora que, pegando-a pelos antebraços colocou-a sentada sobre a mesa da sala de aulas, defronte da turma que ria e debochava da "crente".

Ruth era uma menina dócil, risonha e ingênua. Morena, era a mais morena da família, cabelos pretos

e escorridos como dos seus ancestrais. Usava um corte de cabelos chamado "Anabela", curto no pescoço, comprido sobre as orelhas e uma franja na testa. Como se parecia muito com índia da raça tapuia, recebeu o apelido dado pelos irmãos de "Tapuia", que a princípio não gostava, mas aos poucos se acostumou e sorria quando assim era chamada. Nesse tempo os irmãos não conheciam ainda a verdadeira história da tribo da qual descendiam.

Antes do batismo, o sacerdote fez uma preleção à turma que a tudo assistia, dizendo que todos deveriam ser batizados quando criança, para apagar a mancha do "pecado original" herdado de Adão e Eva, no Paraíso (quanta imaginação!). Quem não se batizava em criança era considerado pagão e quando morresse iria para o inferno, com fogo de enxofre, prantos e ranger de dentes. Era bem convincente aquele padre católico...

Assim, mesmo indignada e chorando muito, Ruth foi batizada pela "Santa Igreja Católica Apostólica Romana". Já podia até morrer... Deixou de ser pagã!...

Ao chegar a casa, ainda chorando muito, relatou o ocorrido a minha mãe que, embora fosse católica também naquela época, não se conformou e disse que iria à Secretaria Estadual de Educação, dar queixa.

Dito e feito. Lá chegando foi recebida pela Secretária de Educação que entendeu toda a história e, imediatamente, mandou bater um memorandum à diretora do Grupo Escolar Felix Pacheco. Minha mãe ficou aguardando na ante-sala do gabinete. A Diretora da escola não tardou muito. Introduzida no Gabinete, trêmula e pálida, pois memorandum só era expedido para casos graves, tentou desculpar-se, dizendo que aquilo não fora um batismo, fora apenas uma "demonstração" de como se batiza. Que

minha mãe ficasse tranqüila, aquilo não fora um batismo... Creio que a diretora não sofreu nenhuma punição, mas aquilo valeu como uma lição sobre a forma de tratar com respeito o direito que cada cidadão brasileiro tem de pensar e professar a religião que estiver de acordo com os ditames da sua consciência.

Nossa vida na escola sempre sofria um certo desconforto, embora alguns não quisessem admitir, éramos sempre estigmatizados por ser filhos de protestante. Longe estava o dia em que se viria falar em ecumenismo... Deus é único!

Uma triste despedida

Nossa vida continuava na mesma rotina, novos vizinhos vieram morar em Teresina e logo faziam amizade conosco, e nossa mãe sempre os recebia com grande carinho. Entre esses havia um casal de quem eu gostava muito: João Pinheiro e Celina, a quem passei a chamá-la de madrinha Celina. Ela me tratava com muito carinho, e eu amava aquela senhora. Também tinha muito amor e respeito por João Pinheiro, o esposo dela, que me tratava como se fora um filho. Às vezes, quando ia tomar banho, me levava consigo para me dar banho, o que eu gostava muito, pois era uma oportunidade que tinha para tomar banho com sabonete. Sim, sabonete! Eu, até então, só conhecia o sabão Martins, que tanto era bom para lavar roupas e louças, como também para se tomar banho. João Pinheiro usava sabonete... Lifebuoy, o sabonete que fazia sucesso na época, ao lado do sabonete Lux, "o preferido por nove entre dez estrelas de cinema", como dizia a propaganda.

João Pinheiro era sargento-músico do Exército Brasileiro. Na banda, tocava clarineta. Muitas vezes, à noite, quando ia à Igreja Batista assistir ao culto acompanhado de minha mãe, sempre dava um jeitinho para ir até a Praça Pedro II, bem próximo dali, para ouvir a banda tocar no coreto da praça. O culto, à noite, me dava sono. Eu dormia quase o

tempo todo. Achava que sermão não era coisa apropriada para uma criança da minha idade. Mas a banda me encantava...

João Pinheiro tinha hora para sair e chegar em casa. Celina preparava o jantar com muito carinho, a casa sempre arrumadinha e muito limpa. Mas, Celina era uma mulher gorda e sem vaidades. Era a típica "viúva machadiana". Mas viviam em harmonia.

Por essa época, veio morar numa casa na Rua Arlindo Nogueira, uma mulata, bonita, bem recortada de corpo, que se produzia muito. Gostava de usar baton lilás, que muito chamava à atenção de quem a via, e que, particularmente, eu tinha certo preconceito, pois naquela idade achava que quem usava baton daquela cor era "rapariga", como se intitulavam as protistutas.

Pois bem, João passava, trocava olhares, até que passou a, antes de chegar em casa, dar uma paradinha próximo à janela para trocar inconfidências.

Não demorou muito tempo. Uma tarde, na hora que João Pinheiro sempre chegava em casa, um homem sentado sobre uma carroça puxada por um burro, parou e perguntou a Celina se era ali que morava o "seu" João Pinheiro. O susto não poderia ser pior... Celina, como o coração aos pulos, viu João Pinheiro entrar e ir arrumando as malas que levaria consigo. Sem dizer palavra. Celina chorava aos prantos. A vizinhança acompanhava tudo de longe e, só após a partida do carroceiro achegaram-se para consolar Celina. Ela foi até à esquina de nossa casa e ali, chorando muito, contava seu drama. Dizia que tinha esperança de um dia ele voltar, pois ele dissera, antes de partir, que, talvez um dia voltasse... Nunca mais voltou!

Confesso que fiquei muito triste também. Não sei se por perder o amigo, ou por ver tanta tristeza estampada naquele rosto redondo de Celina...

João Pinheiro jamais voltou. Sempre à tarde, Celina ficava de plantão na esquina da nossa casa, olhando para a Avenida Getúlio Vargas, para ver, mesmo de longe, seu amado passar e quando o via chamava à atenção das pessoas que estavam por perto. "É ele, lá vai ele"... Era de cortar o coração.

Nós tínhamos outros tipos de vizinhos com quem minha mãe se dava e conversavam quase diariamente. Não que minha mãe fosse às casas delas, mas, invariavelmente, elas vinham à nossa para trocar confidências e botar a conversa em dia.

Lembro-me de D. Lu. Ela era casada com um funcionário aposentado dos Correios e Telégrafos, "seu" Gregório Rosa. D. Lu era uma mulher de poucas letras, muito ignorante, gorda, de rosto redondo com algumas manchas pretas e, na testa, um vermelhidão motivado por uma doença incurável, ou mal curada. Era cega de um olho, para piorar. D. Lu era mãe de uma moça muito boazinha, educada, estudiosa, e muito pálida. Chamava-se Adalgisa. D. Lu adotou um menino que logo cresceu e se tornou um rapaz muito conhecido na vizinhança. Chamava-se José Maria, mas era conhecido por Zeca. Era muito moleque e mal educado. Desrespeitava a mãe que o criara com carinho e sempre se preocupava com ele. A casa deles era muito grande e tinha um quintal cheio de mangueiras e frutas-de-conde. Zeca subia nas mangueiras para tirar mangas que tanto as comia nas próprias árvores como trazia algumas nos bolsos da calça.

– Zeca desce daí menino! Tu "vai" cair e quebrar as pernas!...

– Cala a boca, "véia"! Tu "quer" levar uma manga na cara e ficar cega do outro olho?!...

Era assim o tratamento entre os dois.

"Seu" Gregório via, ouvia, e fazia ouvido de mercador, não sei se por medo do filho, ou se por falta de autoridade mesmo.

Por essa época, o Brasil já havia declarado guerra aos países do Eixo, e as donas de casa eram orientadas no sentido de economia de alimentos e outras coisas mais. D. Lu só falava em fazer "ecolomia", ela não sabia falar a palavra corretamente. E costumava ensinar algumas formas de fazer "ecolomia" como, por exemplo, a de fazer aumentar o volume da manteiga. E ensinava para minha mãe que, entre cética e irônica, nunca se arriscou a fazer a tal receita para aumentar a manteiga. Lembro-me bem que consistia em tomar manteiga derretida e misturá-la com azeite de coco babaçu ou banha de porco, enfim, uma porcaria qualquer que, felizmente, minha mãe nunca fez, para felicidade nossa!

D. Lu tanto insistiu com minha mãe para deixar Zila passar as férias na casa dela, no município de Altos, a poucos quilômetros de Teresina, pois faria companhia a Adalgisa que estudava com Zila, etc.etc.

Data marcada, lá seguia D. Lu, Gregório, Adalgisa e Zila para o município de Altos. Não demoraram muitos dias e já estavam de volta. Zila, chorando, usando óculos escuros, voltava muito triste para casa. Havia pegado uma tremenda conjuntivite, que eles chamavam "dor d´olhos". Mas o drama maior era que, D. Lu queria usar como remédio um cuspe grosso que ela conseguia gerar na boca, após haver mascado fumo de rolo. Imaginaram?

Zila não concordara e surgiu aquele impasse e uma tremenda discussão entre as duas. Só teve uma saída. Zila pediu para voltar para casa imediatamente, e foi o que aconteceu.

A situação foi constrangedora para nós todos, mas, nem por isso, a amizade de nossos pais com aquela família deixaria de existir.

Pouco tempo depois, Adalgisa caía doente, com uma febre baixa, mas perniciosa. A desconfiança veio

logo: tuberculose, a doença da moda que ceifava muitas vidas.

Pouco tempo depois, minha mãe perguntava a D. Lu como andava Adalgisa ao que ela respondeu: "ela ontem teve uma melhora grande, passou o dia esperta, até pegou nos livros para estudar...". No dia seguinte o corpo de Adalgisa seguia em direção ao cemitério.

Viver naqueles dias era mesmo muito difícil. A pobreza rondava as pessoas; o calor imenso tirava o sono de qualquer cristão; as muriçocas atacavam sem dó nem piedade, não havia os inseticidas que hoje conhecemos, não havia ventilador, não havia geladeira para aliviar a sede, não havia automóveis para encurtar as distâncias. Às vezes, Uá (Uá era o apelido de Antonia) queimava roupas velhas e adicionava um pouco de "creolina", para espantar as muriçocas e aquela fumaceira toda impregnava a casa. Tempo de verão, tempo duro de viver.

Perto de casa, na Rua S. Pedro, veio morar uma família de fazendeiros que depois fez amizade com meus pais. Seu Armando, era casado com D. Candir . A mãe dela passava a maior parte do ano na fazenda e quando vinha à capital não havia quem a ignorasse. Ela viajava numa carruagem grande coberta por uma capota, fechada na parte de trás tendo à frente dois cavalos conduzidos por um cocheiro. Parecia coisa de história de reis ou príncipes.

Na outra banda da rua, Rua Olavo Bilac, havia uma casa muito grande que foi vendida para a família Leão. Zezé Leão. Fazendeiro com fama de muito mau. Contavam muitas histórias dele na fazenda; das maldades que fazia com os criados e escravos forros. Quando vinha para Teresina, trazia um negro alto, caneludo, bom de dentes, que vivia como escravo. Comia do pior possível... O que restava! Ia sempre à

quitanda da esquina comprar arroz e feijão. Havia um feijão bichado que era vendido muito barato. Pois era desse que ele comprava para comer. Aquele preto tinha compleição física de atleta, mas na condição de ex-escravo, obedecia ao amo em tudo que fosse possível. Quando fazia uma coisa errada, aos olhos do dono, Zezé Leão, este lhe aplicava uma boa salva de palmatória, que ele aceitava com humildade tão peculiar àquele tipo de gente sofrida.

Pois bem, contavam que a filha mais nova de Zezé Leão, cinco anos aproximados, certo dia aproximou-se do engenho de cana de açúcar, mais do que devia, e, brincando, colocou a mãozinha na moenda; quando deram pela coisa, já tinha ficado sem os dois braços. Castigo de Deus, diziam. Ela tem um pai sanguinário... Seria a "visita da maldade dos pais nos filhos, até a terceira ou quarta geração" de que nos fala a Bíblia, em Êxodo, cap. 20?

Quando morria um vizinho ou parente eu ficava dias sem conseguir dormir direito. Logo cedo, ia deitar-me na cama de meus pais, pois sabia que ali eu estaria seguro, não teria medo. Tinha um pavor de defunto. Certa vez, fui até a uma casa vizinha onde havia um velório. Antes, perguntei aos colegas: - p´ra que lado está a cabeça do defunto? Eu não conseguia olhar para o rosto do morto. No máximo, olhava para os pés... e ficava sem dormir por dias...

D. Maria, mulher de Pedro "Brinquedo" (ele detestava esse apelido, que só era dito longe dele), mas como dizia, D. Maria morreu. Houve o velório que minha mãe prestigiou; seu Pedro chorava muito e dizia: - ela era uma santa!... E era mesmo, sofria calada, apanhava do marido, suportava a bebedeira dele que era viciado, e às aberrações que fazia com Josélia, uma de suas filhas. Tinha um filho, Jorge, e várias filhas, num total de oito.

Por essa época, aconteceu um episódio engraçado. Eu, desde muito pequeno, sofria de sonambulismo. Por ocasião da morte de D. Maria, certa noite, Zezé despertou achando que estava sofrendo um pesadelo. Então gritou: "Antonia, vê o que tem aí nas minhas pernas!..." Ela continuava de olhos fechados, com certeza com muito medo.

Antonia acendeu a lâmpada e calmamente respondeu: - É o João Luiz, que está dormindo. E conduziu-me para minha cama.

As cenas de morte eram de dar medo, mesmo. Imagine você. A pessoa morria e o corpo era levado para o sepultamento, por quatro homens, vestidos de preto, usando na cabeça um gorro alto, preto também. Preso ao ombro, atravessado da direita para a esquerda, uma correia larga com um buraco que servia para sustentar um pedaço de madeira que ia de lado a lado do companheiro. Os dois de trás, da mesma forma. No meio, sobre as hastes de madeira, repousava o caixão do defunto. As crianças chamavam àqueles homens de "urubus".

Atrás, a família e amigos, vestindo roupas invariavelmente pretas, cheirando a naftalina. Terno e gravata, os homens; as mulheres com vestidos simples, também pretos. Isso era um enterro de pobre.

Bem, os mais ricos, contratavam uma banda de música, que ia atrás dos acompanhantes, tocando uma música triste, geralmente uma valsa que em vida fora escolhida pelo morto. Quando o cotejo passava, todos ficavam em silêncio. Os homens que assistiam das calçadas tiravam o chapéu, em sinal de respeito. Fosse quem fosse. E eu morria de medo.

Só muito mais tarde, quando começaram a aparecer os primeiros automóveis na cidade, os funerais dispensaram os "urubus" e foram criados

os carros funerários, menos tétricos, mas de qualquer forma, estarrecedores. A parte traseira era aberta, onde se colocava o caixão, sempre preto, se fosse de homem; Roxo, se fosse de mulher, e branco ou azul para moços e moças. Como dizia, a parte de trás era aberta, com algumas colunas pintadas de preto e com frisos dourados. Na parte superior, encimando as colunas, uns capuchos pretos, também. Bem, se a família fosse rica, a banda de música ia lá atrás, tocando.

Não era para matar qualquer cristão de medo?...

Os tipos exóticos

Devido à idade, João e Belino, eram os dois irmãos que mais se aproximavam, e que mais brincavam juntos.

Estudavam na mesma escola, tinham os colegas mais em comum, e se divertiam bastante.

Belino tinha um colega, melhor dizendo, um amigo. Um pouco mais velho que ele, era além de amigo, um verdadeiro guarda-costas, pois Belino era de baixa estatura e muito fácil de ser dominado pelos demais garotos que disso gostavam de tirar proveito. Era conhecido por Manula.

Um dia, veio um menino, correndo, e falou:

- Manula, tem um moleque grande batendo no Belino, na outra rua. Manula, não pensou duas vezes, saiu correndo e chegando lá encontrou o tal valentão. Engalfinharam-se. Manula dominou o agressor, derrubando-o no chão, e, com o polegar apertou tanto o olho do adversário que o globo ocular estava praticamente fora de órbita. A muito custo tiraram-no de cima do valentão.

Naquela rua sempre apareciam pessoas engraçadas e folclóricas, conhecidas dos moradores por apelidos jocosos: Baforeta, Barulho, Raimundo Doido, Deltrudes, a Muda, filha da ex-escrava, Merenciana, mais conhecida por D. Merência, Chica Grela, que morava numa casinha no centro de uma

quinta (chácara), coberta de mangueiras. D. Merência morava num casebre ao lado da quinta de Chica Grela. Benedita, sua filha, que era surda e muda que jamais se casara, ajudava a velha mãe nos afazeres de casa. Pelas ruas ia catando pedaços de madeiras atiradas ao lixo: galhos secos, talos de buriti substituídos de alguma cerca velha, tudo servia de lenha para cozinhar.

D. Merência costumava parar na quintanda da esquina, e não se furtava a um papo com os fregueses que ali paravam para conversar. Tinha por prazer contar histórias do tempo da escravidão. Cantava músicas feitas pelos escravos lembrando os últimos dias de cativeiro:

"Lá em cima daquele morro, sinhá

Tem dois "pilão" pisando...

Um pisa, outro pisa,

O cativo vai se acabar, sinhá..."

Cantava e rodopiava com sua saia de chita azul estampada, e esquecia-se que não era mais escrava, mas pelo que parecia, tinha saudades daqueles dias tristes.

Benedita, sua filha, era alegria da garotada, eu e Belino no meio. Ao vê-la, de longe, eu já começava a ter uma sensação de medo e alegria nervosa. Ela não gostava de nos ver passando a mão no rosto. Diziam que fazer isso significava, para uma pessoa muda, chamá-la de sem-vergonha. Benedita corria atrás de nós, com um pedaço de pau na mão, tentando atingir-nos. Nessa hora eu sentia o coração a sair pela boca. Passado o medo, e ela também, íamos comemorar a façanha, sempre acrescida de inverdades.

Barulho, pelo próprio apelido se deduz, não tinha língua e, conseqüentemente, não falava, só fazia barulho.

Pelo barulho e gestos que fazia, dava a entender que fora castigado pelo seu dono que lhe cortara a língua, como castigo corriqueiro. Pela aparência, já deveria estar com mais de cem anos.

Os pés não possuiam dedos. Dizia, pelos gestos, que carregava pedras na cabeça para construir as casas dos senhores de engenho e essas pedras às vezes caíam-lhe nos pés multilando-os. Aqueles pés sem dedos mais pareciam patas de elefantes. Nunca soubera o que era um calçado e a planta dos pés eram grossas e rachadas nos calcanhares.

À noite, eu e a meninada vizinha, nos divertíamos entrando na quinta da D. Chiquinha Grela para catar mangas que caíam balançadas pelo vento. Era divertido. Não precisávamos daquilo e o fazíamos escondidos de nossos pais e, obviamente, de Chica Grela. Um dia desses, Belino foi apanhar uma manga que caíra no chão e, sem querer, pegou numa lagarta-de-fogo e, queimou os dedos da mão, o que lhe valeu de lição. E uma noite mal dormida...

Raimundo Doido, pouco falava e, entre um gole e outro, escrevia a carvão, nas calçadas, enormes contas de dividir, que ele mesmo resolvia. Diziam as pessoas que era muito bom em matemática. Mas a sua mania era, somente, resolver as contas que ele mesmo elaborava. Era um doido manso. Nunca se viu agredir ninguém. Ele andava sobre as calçadas em linha reta, mas, de repente, voltava-se e continuava a andar... Os meninos diziam que ele via sempre uma parede à sua frente, o que lhe fazia voltar. Imaginação de criança...

Lá vai a Baforeta... Era motivo para risos e galhofas. Não se sabia de onde vinha, nem para onde

ia. D. Maria Feitosa, era como gostava de ser chamada. Talvez tenha pertencido a alguma família abastada. Usava roupas extravagantes e bastante fora de moda. Na cabeça, um chapéu sempre com uma enorme flor, espetada por adorno, atravessada. Na mão, uma sombrinha desbotada de não sei quantos anos. O rosto sempre maquiado, coberto de tintas esbranquiçadas e lábios finos pintados de baton vermelho-escuro.

Era o que se poderia chamar de "Isabela dos Patins", da época, com as devidas ressalvas.

Deltrudes era um caboclo esquivo, pouco falava, e não relaxava um chapéu velho na cabeça. Vestia-se mal, mais parecendo um mendigo, fazia mandados para quem pedia; diziam que "tinha dinheiro" guardado, mas não era rico. Não sei onde morava, mas sei que metia medo nas crianças. Quando uma delas fazia "malcriação", a mãe dizia: - vou chamar o Deltrudes!... Era o bastante.

O outro tipo era Sólon, rapaz novo, alto, branco e louro. Descendia da família Castelo Branco, tradicional naquela cidade.

Certo dia apaixonou-se por uma moça, também rica, mas por qualquer motivo não foi correspondido. Sólon ficou, como se dizia, muito desgostoso e entregou-se completamente ao vício do álcool. Seu corpo ficou muito inchado, os pés já não comportavam mais os sapatos. Seus dedos, de tão inchado, mais pareciam um leque aberto. Os que conheciam a sua história davam-lhe conselhos, ao que ele sempre respondia que iria morrer bebendo. Estava desgostoso, afirmava sempre.

Certo dia, voltávamos eu e meu irmão, de um sítio que meu pai comprara na periferia da cidade, quando minha atenção se voltou para um corpo deitado

sobre uma mesa, numa casa coberta de palha de babaçu. Estava tão inchada a barriga que da porta onde paramos era impossível ver-lhe o rosto. Sobre a barriga, um pires que vim saber, depois, continha vinagre, crendice popular, que serviria para desinchar a barriga. Santa ignorância!... Ali jazia o corpo de Sólon, vencido pelo álcool.

Seu Olegário, um ancião de aproximadamente sessenta anos, era muito conhecido na Rua do Fio. Vendia cuscuz de arroz e de milho verde que, por sinal diziam que eram muito gostosos. Mas seu Olegário não sabia o que era higiene. Tinha as unhas quase sempre compridas e sujas. Com a mesma mão que pegava nas fatias de cuscuz voltava o troco do dinheiro que recebia como pagamento. Entre uma venda e outra, gostava de coçar-se na barriga e adjacências. Um horror!

Arroz!!!... Era assim que se anunciava quando vinha com aquela bacia de ferro na cabeça, coberta por um pano branco. Minha mãe o detestava pelos modos de comportamento.

Por aquele tempo, apareceu na cidade um homem que dava motivos a muitos comentários: por uma deformação congênita, certamente; nasceu com a cabeça muito pequena em relação ao corpo. Chamavam-no "homem macaco".

Não falava coisa com coisa, dava uns grunhidos e balançava a cabeça, aproximadamente, do tamanho de um coco da Bahia, sem a casca. Era de dar pavor a quem o olhava. O homem parecia que não possuía cérebro. As crianças se apavoravam e choravam quando o viam.

D. Chica Grela, mulher de olhos arregalados, era casada com um homem pouco conhecido, a não ser pela sua palidez berrante. Era magro, calado,

praticamente, não saia de casa e todos diziam que ele era "tísico", uma espécie de tuberculose que deixava a pessoa magra e pálida, mas que levava muito tempo para matar.

Era esse o mundo que eu conhecia, até aos nove anos, quando estourou a Segunda Guerra Mundial, de triste lembrança, e que falarei mais adiante.

Agora, dirão, mas vocês não brincavam? Claro que sim, e muito!

Só que nossos brinquedos eram fabricados por nós mesmos. Com talos de buriti, espécies de palmeira que possuem uns galhos compridos, fazíamos caminhões caprichados. A caixinha de madeira que servia para acondicionar goiabada, era aproveitada para servir de carroceria; as latinhas vazias de graxa de sapato eram cuidadosamente guardadas para servir de pneus dos carros; os caminhões tinham boléias, pára-lamas, pára-choques, e tudo mais que tinham direito.

Eu e Belino, assim que chegávamos da escola, íamos para a rua empinar papagaios (soltar pipas), que nós mesmos fazíamos. Belino costumava fazer papagaios e vendê-los aos meninos que gostavam muito porque eram bem feitos e bonitos. Com isso, sempre tinha uns "trocados" no bolso.

Assim, da cintura para cima eu era quase preto, queimado pelo sol, contrastando com o cabelo claro, quase louro, de tal forma que quando tirava o calção, a bunda branca sobressaltava a cor do resto do corpo, o que certo dia serviu de comentários para duas meninas que vieram morar perto de nossa casa: Helena, a mais velha, e Carmem, a mais nova. Eram filhas de família rica e me paqueravam, o que me deixava bastante encabulado, mas por que não dizer, orgulhoso. Era mesmo o tipo de namoro de criança.

Elas gostavam de mim e por isso viviam brigando entre si, e eu gostava da Helena, a mais velha. Sempre gostei de namoradas mais velhas que eu.

Um dia, estava brincando de carregar outros meninos num carrinho de mão, tropecei, e na queda tive uma leve luxação no braço, o que me fez chorar muito e atrair a atenção de irmãos e vizinhos de minha idade. Estava muito suado e sujo. Deitado numa cama, minha mãe resolveu me lavar passando um pano úmido no meu corpo e tirou o calção para trocar.

Da janela que dava para a rua, Helena e Carmem me viram nu. Foi uma sensação para elas que comentavam depois: - Eu vi ele nuzinho... A bunda dele é alvinha!... Eu ouvi e fiquei vaidoso e encabulado ao mesmo tempo.

Quanto à Helena e Carmem, até hoje lembro delas com amor e saudades daqueles tempos... As duas estavam sempre bem vestidas e limpinhas; cheiravam a perfume de alfazema.

Não posso deixar de falar de Maria das Graças, irmã de Zelinda, da família Arêa Leão. "Gracinha" era de fato uma gracinha; branquinha, cabelos castanhos, quando sorria os olhos se fechavam e, no rosto apareciam duas covinhas, o que lhe dava mais beleza. Era uma de minhas melhores amigas. Quase diariamente ia a casa dela para brincar e fazer os deveres de casa.

Na escola, havia uma colega chamada Raimunda; você pode achar esse nome feio, eu também, mas sempre mantive respeito, pois era o nome de minha mãe. Ela parecia ser filha de gente rica, pois andava sempre com uniforme limpo, cheiroso, e levava para a escola merendas de dar água na boca. Eu era mais adiantado que Raimunda, do que ela se valia para me pedir ajuda para explicar os trabalhos que a

professora dava. Na época das férias eu um dia me peguei com saudades dela. Talvez eu estivesse apaixonado por ela. Não me saía da cabeça: aquele rosto redondo, o cabelo castanho-claro, muito fino e liso. Os dentes completos e bonitos, os lábios carnudos e quando sorria deixava ver no rosto duas covinhas, "sinal de beleza".

Essas coisas me faziam passar o tempo... E me faziam feliz. Também, era só isso...

Da cidade de Teresina, em si, não dá para ter saudade. Lugar muito quente, calor abafado, que só quando chove refresca. A onda de muriçocas (tipos de pernilongos) que nos atacavam à noite, e a gente sem ter como se defender. Não havia esses modernos tipos de "sprays" que hoje conhecemos. Os mais ricos podiam se dar ao luxo de usar mosquiteiros confeccionados com filó, que ficavam presos no teto, acima da cama, mas que prejudicava a ventilação e que fazia aumentar o calor. Só muito mais tarde, depois da Segunda Guerra Mundial, apareceram à venda umas pequenas bombas manuais para aplicação do inseticida conhecidas como "Flyt". Mas aí, eu já havia pagado meus pecados...

Tempo de perseguição

Não bastasse a dura perseguição por que meu pai passava por parte de alguns familiares, suportando privações, o país passava por dura crise; o desemprego batia de porta em porta e, certamente, ele não seria poupado.

Minha avó tinha um irmão, por parte de pai, que passava por uma boa fase na vida. Funcionário do Estado, Nilo José Ferreira era dono de uma grande serraria que ficava ao lado de sua casa, na Rua de São Pedro. Por ali entravam troncos enormes de madeira que dali saíam em forma de tábuas, caibros, travessas das mais diversas medidas. Nilo contava com a proteção do interventor do Piauí, Leônidas de Melo, nomeado pelo ditador Getúlio Vargas.

Era casado com Teresa Alves Feitosa, ficara rico e tiveram três filhos: Napoleão, Antônio e Maria Natividade Ferreira. Foi ele a primeira pessoa a construir uma casa residencial de dois pavimentos em Teresina que, a olhos vistos, deixava transparecer o crescimento de seu patrimônio. Nilo era um homem bondoso, tranqüilo, bom pai. Vendo a situação por que passava meu pai sempre arranjava algum trabalho para ele, entre os quais, uma empreitada na reforma do hospital psiquiátrico de Teresina.

Às vezes, eu acompanhava meu pai até àquela obra, apenas para ver com viviam os alienados que ali permaneciam enquanto se fazia a reforma. Mas

isso me deixava com bastante medo pela forma como os doentes viviam e como tratavam as pessoas, às vezes de forma nada amistosa.

Com exceção de Antônio Ferreira, que viajara para Belo Horizonte a fim de realizar o sonho de estudar medicina, o que nunca conseguiu, os outros dois viviam uma vida dissoluta, gastando fácil o dinheiro amealhado por seus pais. Maria freqüentava com assiduidade o Clube dos Diários, ali se apresentava sempre com vestido novo; também não perdia os lançamentos de filmes no Cine Rex, o que se fazia sempre acompanhada por sua mãe, Teresa.

Napoleão era freqüentador assíduo dos cabarés na zona de meretrício, a famosa Barrinha, à beira do Rio Parnaíba, onde arranjou um filho com uma prostituta, e que mais tarde fora adotado pelos avós, Nilo e Teresa.

Com o país em regime ditatorial, onde o respeito aos direitos humanos não existia, as perseguições políticas eram freqüentes contra pessoas simples e inocentes o que as deixavam tensas e receosas de serem presas e torturadas sem acusação formada.

Assisti estarrecido, certa vez, uma mulher presa ser conduzida de braços abertos, entre dois cavalos, montados por policiais militares, em plena Rua Arlindo Nogueira, para perplexidade dos moradores, que a tudo assistiam e nada entendiam. Quem era aquela mulher? Por que fora presa? Ninguém sabia e nada falavam.

Por volta de 1945, o presidente Getúlio Vargas foi deposto da presidência por oficiais das forças armadas e, conseqüentemente, todos os interventores por ele nomeados, Leônidas Melo no meio, foram também destituídos dos respectivos cargos. Daí fica fácil deduzir-se que começava o ocaso de Nilo. A pobreza, muito cedo lhe bateu à porta.

Teresina não tinha mais nenhuma perspectiva de prosperidade para Nilo. A saída obvia foi sua mudança para o Rio de Janeiro, comentado em outro capítulo.

Uma vizinhança de elite

Com a construção daquelas oito casas, todas alugadas para pessoas de bom nível intelectual, aquele pedaço de rua passou a ser um local privilegiado. Moravam ali funcionários públicos, militares das forças armadas, representantes comerciais, e um certo advogado, também servidor público, poeta bissexto, que à noite se reuniam ali na calçada para trocar idéias, falar de política, ou simplesmente para jogar conversa fora. Esse advogado a que me refiro chamava-se Mário Bento Gonçalves. Como poeta bissexto, escrevera apenas dois livros sendo o último publicado com o título "Folhas de Outono", em parceria com outro poeta o qual não me recordo do nome.

Um livro de poesias, algumas boas, outras razoáveis ou despretensiosas, como o poema que dedicou a Zelina Arêa Leão e Maria José Ferreira Barros, minha irmã, a que me reservo ao direito de reescrevê-lo, pois que o livro não mais existe nas livrarias e museus de Teresina, como pude constatar recentemente por ocasião da visita que fiz àquela cidade, o que é lamentável.

Eis o poema:

O vaga-lume

Pequenino pelo campo,

Sob um céu negro e profundo,

Corta o espaço um pirilampo,
Qual Diógenes vagabundo.
Pela mata mais sombria,
Pela moita mais escura,
É que a luz se irradia,
Tal uma estrela fulgura.

Conhece estrada de abrolhos,
Que a lanterna focaliza,
Mas, diante de certos olhos,
No-lo se volatiliza.

No quadro negro da noite,
Certo nome vai traçando,
Mas vem o vento de açoite,
O lindo nome apagando...

Dessa vizinhança, destacamos também o nome de Tarsila Lemos, poeta de renome, membro da Academia Brasiliense de Letras, com vários livros publicados. Tarsila tem três filhos, uma mulher e dois homens, sendo a filha, Sandra, e um dos filhos, Heberth, membros do Itamaraty.

Um pouco de história

Fica muito difícil para eu narrar fatos ocorridos durante minha efêmera passagem por Teresina, considerando que lá morei na minha infância por apenas doze anos, sem contar casos tristes, e às vezes, inesquecíveis. No contexto geral, quase tudo era triste. Na maioria das vezes, o país vivia em crise financeira e política. As secas, que ainda hoje perduram, castigavam quase todo o nordeste, com destaque para o estado do Ceará. Quando isso acontecia, os cearenses batiam em retirada àquele estado, em direção ao norte do Brasil que, obrigatoriamente passavam por Teresina que assistia levas e levas de gente maltrapilhas, esfomeadas, mãos estiradas pedindo esmolas a esmo, ou a procura de pousadas para suas famílias.

Certa vez, estava na estação da Estrada de Ferro São Luiz – Teresina, quando assisti uma cena inusitada na plataforma daquela estação.

Um casal de retirantes cearenses fazia velório para uma criança de dois ou três anos, que ali havia morrido, sabe Deus de que doença. O corpo estava deitado sobre um caixote de madeira, com algumas velas acesas, em volta. Tudo parecia despercebido para quem ali passava e olhava indiferente; era apenas mais um corpo daquelas cenas tão corriqueiras. Os pais, talvez, esperassem por uma providência por parte das autoridades. O que podiam

fazer, se não tinham sequer o que comer? Aquilo me deixou chocado e triste.

Teresina era cheia de histórias tristes, umas provocadas pela natureza, outras criadas pelos próprios homens em circunstâncias diversas, mas que ficaram para a história.

Quem desce a Avenida Frei Serafim, que naquela época se chamava Getúlio Vargas, certamente vai encontrar uma grande cruz de madeira, conhecida como cruzeiro. Ao pé do cruzeiro vê-se várias garrafas cheias de água, e diversas velas acesas por pessoas que fazem promessas à alma de um certo homem que se tornou mártir: Gregório Pereira dos Santos. Essa história chegou até nós contada pelos mais velhos, e para que melhor entendesse, recorri à narração do escritor Zózimo Tavares, no livro "O Piauí no Século 20", 4ª edição:

"... depois de ter deixado o vigário em sua residência, próximo à matriz, o carro, conduzido por Gregório Pereira dos Santos, jovem pacato, saiu, em marcha reduzida, em direção à chamada Rua Grande, na cidade de Barras, a 120 km de Teresina. Ali perto residia o tenente Florentino Cardoso, delegado regional de polícia. Tinha a fama de violento e arbitrário. Uma criança que estava brincando, corre desesperadamente em direção ao carro, no momento em que ele passava em frente à casa do delegado, situada em uma rua estreita. O menino foi atropelado. O motorista em esforço tremendo, evitou o esmagamento. A criança ficou gravemente ferida. O menino, que já se encontrava doente de infecção intestinal, acabou morrendo na noite do dia 16.

Com o filho morto, o tenente mandou prender o motorista e espancá-lo impiedosamente. Proibiram-lhe água e alimento. O padre, o juiz de direito, o

prefeito e muitos outros foram ao delegado mostrar-lhe a casualidade do atropelamento e fazer o apelo para que não maltratasse mais o motorista. À meia noite, o delegado pôs o cadáver do filho em cima de um caminhão, acorrentou Gregório, juntou soldados e marchou para Teresina. Chegaram às 7 horas da manhã. No porto de Porenquanto, subúrbio da capital, Florentino, auxiliado pelos praças que o acompanhavam, amarrou o preso pelo pescoço com a mesma corrente utilizada na viagem, suspendendo-o à trave de uma latada na margem do rio e, friamente, não obstante os rogos e súplicas do motorista, mataram-no com três tiros de pistola no ouvido. Abandonou o cadáver na cidade. A notícia do crime correu. A polícia da capital prendeu o delegado, que confessou o crime e garantiu que não estava arrependido. Foi recolhido ao Estado Maior da Polícia em virtude da grita popular na porta da cadeia. O corpo de Gregório apresentava marcas de cordas nos punhos, de corrente no pescoço, de chicotadas nas costas e no rosto. As costelas estavam à mostra, pois desde a morte da criança ele não se alimentava. Os motoristas de Teresina encomendaram missa de sétimo dia. A Catedral ficou lotada.

Depois da missa, visita ao túmulo, com todos os carros buzinando. Em julho de 1928, o delegado fugiu da cadeia. Foi capturado oito anos depois, na Bahia. Em 1935, foi submetido ao Tribunal de Júri Popular. No primeiro julgamento, foi condenado a 19 anos de prisão. No segundo, foi absolvido por maioria de votos. O crime perdurou na maldição popular, pelas circunstâncias de atrocidade que o envolveram. Desde então, o povo passou a acreditar que Gregório virou santo, atribuindo-lhe inúmeros milagres. Em 1983, na administração de Jesus Tajra, a Prefeitura de Teresina construiu no local do crime (avenida Marechal Castelo Branco, nas proximidades da Assembléia Legislativa) o Monumento do

Motorista Gregório, para onde milhares de pessoas humildes acorrem quase que diariamente levando garrafas de água e velas, na paga de promessas."

Esses tipos de arbitrariedades praticados por chefes de polícia eram freqüentes em Teresina.

Ainda no governo ditatorial de Getúlio Vargas, Teresina assistia indefesas atrocidades praticadas por um Chefe de Polícia, Evilásio Vilanova, que se prevalecia de sua autoridade, mandava colocar à noite pequenas bombas incendiárias nas casas que eram cobertas de palha de babaçu, na capital e cercanias, pois julgava que aquilo atentava contra a beleza da capital.

Os incêndios na cidade eram diários, como se Teresina houvesse se transformado na Roma de Nero, ou no Inferno de Dante.

Como não pudesse assumir oficialmente tais atrocidades, Evilásio Vilanova mandava prender pessoas pacatas e humildes que passavam por cenas de torturas na delegacia principal.

Lembro-me de um vizinho nosso, a quem já me referi aqui, "Pedro Brinquedo", comerciante modesto, cheio de filhos. Certa madrugada bateram à sua porta, na casa que ficava transversal à nossa (xis com a nossa, como falam os habitantes dali). Pedro levantou-se e perguntou o que queriam.

Queriam apenas uma informação sobre um vizinho, responderam. Ao abrir a porta "seu" Pedro recebeu ordem de prisão. Acusado sem provas, como incendiário, ficando alguns meses na cadeia, passando pelas maiores humilhações e torturas, inclusive o conhecido "corredor polonês", em que o torturado é obrigado a passar entre policiais armados de cassetetes, recebendo pancadas de todos os lados.

Depois de muitos anos, minha mãe me contou que aquelas arbitrariedades mexiam com os nervos dela e se sentia deprimida, com medo de que tal coisa acontecesse também com o nosso pai. Como ficaria sem marido e doze filhos para criar, sem contar com a indignação que certamente daí viria? Na sua mente começava a arquitetar uma saída para outro lugar, quem sabe, para o Rio de Janeiro, a Terra Prometida?

Um anjo chamado Magnólia

Naquela noite, minha mãe acordou aflita e chorando. Papai que não entendeu nada, perguntou o que houve. Ela passou a contar um sonho que tivera com Zezé, que nessa época estudava em Recife.

Contou que vira Zezé chegando, e para que ela não visse nossa irmãzinha Magnólia, que tinha apenas seis meses de idade, e que gozava de perfeita saúde, era forte, gordinha e muito risonha, pegou-a nos braços, abriu a gaveta de uma cômoda e trancou-a, "para que a Zezé não a visse".

Papai tentava acalmá-la, mas no seu íntimo ficara também apreensivo e preocupado. Seria uma premonição?

Magnólia dormira bem, mas no dia seguinte começou a apresentar uma febrícula, tão comum a crianças de sua idade. Papai, sempre atento, passou a dar-lhe algumas doses homeopáticas do específico Dr. Humphreys, tão comum naquela época para gripes e resfriados. Passados um ou dois dias, viu que a febre não cedia. Levou Magnólia ao médico que prescreveu injeções de Onadina e aplicações de emplastros de mostarda nas costas, pois diagnosticou pneumonia. Aquela mostarda nas costas queimava-lhe muito e, certamente, provocava dor. Magnólia passou a chorar muito e, quando conseguia dormir, gemia baixinho. A princípio, aceitava alimentos, mas chorava bastante. Às vezes minha mãe pedia para

que eu a consolasse, mas como? Eu tinha apenas sete anos, não possuía nenhuma aptidão para lidar com crianças. E ela chorava demais, talvez pela queimadura nas costas, talvez pela dor que só muito mais tarde fiquei sabendo que a pneumonia provoca nos pulmões de quem acomete. Fiz tudo para acalmá-la, tudo em vão. Perdi a paciência e gritei bem forte: - Cala a boca!

Aquele anjinho, numa pausa de um segundo, olhos cheios de lágrimas, silenciou e olhou para mim, com aquele olhar dorido de pessoas moribundas. O que teria ela pensado de mim? "Estúpido! Monstro!" Não me respeitas no leito de dor? Ou teria dito, como Cristo na Cruz: - "Pai, perdoa-lhe, ele não sabe o que faz"? Acredito que essa tenha sido o seu pensamento, pois aquela energia pura, em forma de criança, não poderia fazer outra coisa a não ser perdoar esse ser abjeto. Depois desse ato, quantas vezes pedi perdão a Deus pelo meu pecado impensado. Se for verdade que os espíritos desencarnados se encontram na eternidade, ela será a primeira pessoa que farei questão de encontrar e pedir perdão pelo meu ato de estupidez e ignorância.

Mas aquela moléstia impiedosa não dava trégua. Agora era o médico que vinha à nossa casa. E o remédio era quase sempre o mesmo. Onadina, Transpulmim, e mais latas e latas de mostarda. Minha mãe não arredava pé daquele leito de dor.

Já desiludida daquele médico, mamãe implorou a meu pai que mudasse, chamasse outro. Quando o outro médico chegou a casa, pediu para ver as receitas passadas. Olhou, leu em silêncio, balançou a cabeça em sinal de desaprovação. Aquilo nos fez entender tudo. Tudo estava consumado!

No dia seguinte, a febre passou, Magnólia deixou de chorar. Ruth, minha irmã, cheia de alegria, tomou-a nos braços e saiu pela vizinhança mostrando-a para todos.

Dizem os antigos que as pessoas que estão à beira da morte têm melhoras súbitas, a chamada "melhora da morte". Seria verdade?

Nossa casa vivia aqueles dias cheia de gente, vizinhas e amigas de minha mãe. Os parentes vinham poucos, com exceção de minha avó, Augusta, que sempre acudia a filha nos momentos de tribulações. Depois daquele episódio da conversão de meu pai ao protestantismo apenas Areolino vinha; os demais tios não nos visitavam.

As vizinhas não fugiam àquele ato de solidariedade cristã. Algumas delas entravam pela madrugada adentro. Numas daquelas noites, realizava-se um baile comemorativo na segunda casa à direita da nossa. A noite toda uma orquestra regional tocava. Triste paradoxo... Enquanto meus pais choravam, lá era só alegria. Dona Libânia, cujo marido era músico e tocava clarineta, ficava fazendo comentários sobre as músicas, descrevendo para minha mãe os nomes dos instrumentos, como se aquilo fosse importante naquele momento triste. As músicas tocadas, às vezes se repetiam. "Nas ruas do Japão não há mão nem contramão/ Lanterna de papel é lampião, xiii/ Aquilo é verdadeiro abacaxi". Essa música ficou gravada no meu subconsciente e por vários anos não conseguia ouvi-la sem que meus olhos ficassem rasos d´água.

Trinta dias de sofrimento. Trinta dias de angústia dos meus pais. Magnólia agonizava... Papai agora orava de joelhos, à beira do bercinho, pedindo a Deus o restabelecimento impossível. Orava chorando copiosamente. Por fim, não pedia mais pela saúde dela, apenas que Ele fizesse passar aquele sofrimento infindável, e dizia apenas, "Senhor, toma essa joinha em tuas mãos". E chorava inconsolável...

Nunca vi um pai sofrer tanto!...

Passado aquele momento, a casa encheu-se de gente da vizinhança. Ouvia-se choro por toda parte. Ninguém queria consolar-se.

Benedito, que sempre gostou de frases de efeito, aos prantos dizia: "- acabou-se a alegria desta casa!..."

Tudo era pranto. Minha mãe pediu a papai que passasse um telegrama para Zezé, em Recife. Pedia que primeiro passasse um dizendo que Magnólia estava agonizante. A seguir, outro, comunicando a morte. Não queria que Zezé levasse um choque muito forte. Será que isso adiantaria?

Fui correndo ao Correio e passei os dois telegramas que, mesmo em intervalos diferentes, creio que chegaram juntos. Os serviços de correios e telégrafos naquela época eram de péssima qualidade. Mas valia a intenção.

O enterro foi acompanhado de adultos e muitas crianças. Dias depois papai mandou fazer uma grande estrela de madeira pintada de branco e, no centro dela, dentro de uma circunferência, o nome de Magnólia, com a data de nascimento e da morte.

Eu e Belino o acompanhamos até o cemitério, onde foi colocada aquela estrela, simbolizando aquela estrelinha que fugia da Terra e fora colhida por Deus.

A Segunda Grande Guerra

Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, contra os países do eixo, a cidade, como no resto do mundo, passava por dificuldades e Teresina, que sempre foi uma cidade muito carente, piorava a cada dia. Vieram os racionamentos de alimentos, as escolas começaram a preparar os alunos e a sociedade em geral para o que poderia advir. Os alunos do curso ginasial para cima faziam treinamentos de tiro ao alvo, com fuzis obsoletos de 25° BC, todos eram obrigados a decorar os "10 mandamentos da defesa antiaérea" e, à noite era comum em dias aleatórios ataque simulado de aviões, quando se ouvia o toque de sirenes e toda a cidade ficava literalmente às escuras. Nas residências não se via sequer luz de velas.

Logo depois, como era de se esperar, começaram as convocações de reservistas. Lembro-me de dois conhecidos da vizinhança: Santídio e Bartolomeu, que foram convocados e pouco tempo partiram para os campos de batalha na Itália.

Antes das primeiras levas de soldados partirem, desfilaram na Av. Pres. Vargas, todos garbosos em suas fardas verde-oliva, trazendo no ombro o emblema da FEB: a cobra fumando.

Lembro-me que eu e Lourival Parente Filho, meu colega de escola primária, estávamos à beira da avenida assistindo o desfile quando, de repente,

Lourival penetrou entre as fileiras de soldados e começou a marchar, também, como se fosse um deles. Eu assistia e ficava rindo daquela molecagem. A banda de música, à frente de todos, tocava o hino do expedicionário brasileiro, enquanto algumas mulheres que assistiam choravam.

Quando Bartolomeu começou a se despedir de vizinhos e colegas, uma moçoila, muito bonitinha, loira de olhos azuis, irrompeu em prantos, inconsolável e, só então, começamos a entender que os dois se amavam. Ele partiu e ela aguardou com ansiedade e resignação o retorno do seu amado. Os dois "heróis" voltaram pouco mais de um ano depois.

O noticiário sobre os acontecimentos na Itália era muito precário e, praticamente, só se tomava conhecimento através do famoso "Repórter Esso", na voz de Eron Domingues, que se intitulava como "testemunha ocular da história", "o primeiro a dar as últimas", ou por uma ou outra notícia que corria de boca a boca, ouvida por algum rádio-amador, que era mais ou menos comum naquela época. Rádio mesmo, na forma que conhecemos hoje, existia muito pouco. Na vizinhança mesmo, só o rádio do "seu" Freire, e na hora certa ficávamos à porta dele, para ouvir as últimas notícias da guerra, algumas boas outras ruins.

Com o fim da guerra, nossos "heróis" retornaram e durante muito tempo foram alvos de admiração e à noite eram certas aquelas reuniões à beira da rua, para contarem suas bravatas.

Como era de se esperar, o ditador Getúlio Vargas foi deposto pelas Forças Armadas e, conseqüentemente, os governadores por ele empossados, como no caso de Leônidas Mello e do seu prefeito Lindolfo do Rego Monteiro.

Lembro-me de ter visto o governador Leônidas Mello ser literalmente expulso do Palácio Karnak e ser levado a pé até sua residência que ficava na Av. Presidente Vargas, o povo acompanhava com apupos, aos gritos de maiores impropérios.

Com isso, a situação começou a piorar para o lado do nosso tio Nilo, que era o responsável pelo departamento de obras públicas e, dono de uma grande serraria que fornecia madeira para o estado. Ele ajudava arranjando algumas obras para meu pai, que fazia reformas de prédios públicos, em forma de terceirização, como já falei em outro capítulo.

Nilo era casado com Tereza Alves Feitosa, tinha dois filhos: Napoleão e Antonio, e uma filha, Maria Natividade Ferreira.

Passou então, a perder todas as licitações na prefeitura e sua vida começou a desandar. O filho Antonio que fora mandado estudar em Belo Horizonte, teve que deixar a pensão onde se hospedara, à noite, sem antes jogar a mala pela janela e sair pela porta da frente. Maria Natividade, a filha pródiga, que não perdia uma noite de gala no Clube dos Diários, freqüentado, pela alta sociedade da época não teria outra saída: deixar a cidade para não passar vergonha.

Pouco tempo depois, Tereza e os três filhos partiram para o Rio de Janeiro. Nilo ficou em Teresina, vendendo o que restara de sua fortuna. Teria que ir para o Rio, também, mas o que sobrara não dava para pagar as passagens. Aceitou a oferta do capitão Arnaldo, seu antigo inquilino, e pegou uma carona em caminhão do exército, na carroceria, entre poucos soldados que iam para o Rio.

Meu tio pediu-me para ajudar a levar sua maleta até o 25° BC. Ali, entre triste e melancólico, despedi-me dele.

Meus pais começaram a pensar: está na hora de deixar Teresina e ir morar em outro lugar. Mas, onde? Antes já tinham se aventurado a morar em São Luiz, ficando lá por pouco mais de um ano. Minha mãe não se adaptou ao clima local e vivia doente. Tivemos que retornar!

O Rio de Janeiro seria a saída mais viável. Por carta, comunicou-se com Tereza que se prontificou a arranjar uma casa para alugar. Seria bastante que mandassem o dinheiro para o contrato e primeiro mês de aluguel.

O Êxodo

A idéia da nossa mudança pra o Rio de Janeiro tornara-se fato consumado.

Combinada a viagem, ficou acertado que minha mãe iria à frente levando os filhos mais velhos: Benedito, Maria José, Zila, Augusta e Heliodoro que, por ser o mais novo, era conveniente que ficasse aos cuidados da mãe. Por essas alturas, Zezé já havia trancado matrícula na faculdade para aquele ano.

Papai providenciara a remessa do dinheiro pedido por Tereza, para alugar a casa e ficou aguardando a resposta. Naquela época, o Rio passava por uma crise muito grande de casas disponíveis para aluguel. E a resposta não vinha... Pensavam até que não viria mais...

Passados alguns meses, chegou a tão almejada carta em que Tereza dizia que tudo estava certo, a casa havia sido alugada, podiam vir. Ufa!...

Sempre preocupado com a educação dos filhos, papai escreveu para seu irmão João Celestino de Barros (tio Joca), que morava no Rio, em companhia de dois filhos. Tio Joca era solteiro e exercia o cargo de guarda do Cais do Porto, com bom salário.

Ele não era conhecedor das posses do papai; fez as matrículas de Zila, Augusta e Benedito no Colégio Lafayette, na Tijuca. Esse colégio era de elite e a Tijuca igualmente um bairro de classe média alta. Não era para nós, pelo menos naquela época.

No dia aprazado, mãe e filhos partiram de ônibus rumo a Fortaleza. Lá contaram com a acolhida de um amigo de meu pai, José Rego, casado com dona Adélia, antigos inquilinos de papai, em Teresina.

Tudo, até então, corria bem. Embarcaram no navio "Capitão Ripper". Sete dias de viagem... Passagens pagas à vista. Não havia ainda o tão conhecido pagamento parcelado. No trajeto da viagem tudo correu muito bem, exceto, como era de se esperar, os famosos enjôos e vômitos constantes.

Quando o navio ancorou no píer da Praça Mauá, na maior tensão e ansiedade, todos procuravam pelo rosto de Tereza ou coisa parecida. Tudo em vão!...

Na plataforma, um homem bem vestido (Joca era vaidoso na forma de se vestir), cabelos começando a se agrisalhar, olhava para uma foto e procurava identificar minha mãe. A foto era muito antiga, mas a única mulher que ficara no tombadilho do navio, rodeada de filhos era Mundoca. Só podia ser ela, concluiu tio Joca. Feitas as devidas apresentações, entre sorrisos e abraços, veio o grande problema. Para onde levar aquela família? Ele, como já falamos, morava em um apartamento sala e quarto, com dois filhos, onde não havia espaço para acomodar tanta gente. Então, a saída foi apelar para uma amiga de minha mãe, dona Julia Arnaud, que morava no bairro do Méier. Para lá partiram. Rua Ana Barbosa, 4. Hoje no mesmo local existe um grande prédio.

Ali ficaram por pouco tempo. Diariamente, bem cedo, minha mãe saía de casa, Jornal do Brasil debaixo do braço, à procura de casa para alugar. A mais próxima que encontrou foi em Olinda, antigo Estado do Rio, não pertencia ao Distrito Federal. Foi o jeito!... Casa alugada só restava chamar os que ficaram em Teresina. Então lá fomos nós: papai, Belino, Ruth, Josemary, Moisés, Abrahão, Antônia, e

eu. Como se não bastasse, meu pai se prontificou a trazer o filho de um amigo dele, Geraldo Magela, que queria tentar a vida no Rio de Janeiro.

O mesmo roteiro de minha mãe. Ônibus até Fortaleza e, uma vez lá, só encontramos passagem em um navio misto (passageiros e cargas), viemos no "Campos Sales", da Companhia Loyd. Um mês de viagem de Fortaleza ao Rio. Foi dureza. O navio era muito velho, era presa da frota alemã que fora reformado pelo Brasil. Difícil era viajar num navio daquele sem ter muito enjôo. Geraldo Magela, logo no primeiro dia, começou a vomitar. Não se alimentava mais; passava o dia todo deitado em uma espreguiçadeira. Quando chegamos a Recife ele mais parecia um esqueleto ambulante. Saímos para andar um pouco pela cidade, na companhia de papai: Geraldo, Belino e eu. Recife é uma cidade cortada por dois rios: Capibaribe e Beberibe. Cheia de pontes e a cada ponte que passávamos, Geraldo desmaiava só em sentir o cheiro da maresia. Era uma situação desagradável e insólita. Eu que sempre tive medo de gente morta e nunca vira alguém morrer, nem mesmo desmaiar, ficava apavorado, sempre perguntando ao papai se Geraldo estava morrendo.

Vencido um mês de viagem, chegamos finalmente ao Rio de que tanto ouvi falar maravilhas e a primeira impressão que tive foi das piores. A paisagem para quem entrava pela Baía da Guanabara era o morro da providência, aquele favelório todo; não, não podia ser o Rio de Janeiro... Logo depois vim a conhecer o morro da Favela, da Mangueira, do Pinto, do Pavão, do Pavãozinho, da Catacumba, da Rocinha etc.etc. Difícil é morar longe de uma favela na Cidade Maravilhosa. Uma decepção!

A casa de Olinda era pequena, casa nova, cheirando a tinta, mas de sala e dois quartos. Já imaginaram a acomodação?

Dali nos mudamos para uma casa maior, em Nilópolis. Em frente à Estação da EFCB, bem melhor e com direito até a um grande quintal onde plantamos algumas touceiras de cana de açúcar, bananeiras, e uma pequena hortaliça que ficava a meu encargo.

Não foi difícil alugar aquela casa. O proprietário, Sr. Barros, um português de mais ou menos sessenta anos, exigia para fechar o contrato, o pagamento de "luvas", uma forma de usura não permitida por lei. Aí minha mãe entrou na negociação e de forma velada, contou-lhe que fora aconselhada por um primo, Fenelon Silva, que na época era diretor da DASP, um órgão que realizava todos os concursos para os cargos públicos do governo, a não fechar o contrato, pois, se fosse delatada, poderia ter sérios problemas. Sr. Barros, como todo bom português, tinha medo de encrencas com o governo; aceitou o argumento e assinou o contrato por quatro anos. Não fez nenhuma objeção ao fiador, pastor Henrique Marinho Nunes, da Primeira Igreja Batista de Nilópolis, por ser pessoa idônea.

A parte da frente da casa, que ficava nos fundos, tinha uma grande loja de três portas e disso se valeu papai para fazer divisórias em cada porta e sublocá-las para um alfaiate e um sapateiro. Com isso, parte do aluguel estava salvo.

Só depois disso apareceu Tereza, que contou uma história comprida, falou das dificuldades por que passara, justificando assim o fato de não ter aparecido no dia da chegada de minha mãe. O dinheiro que recebera fora obrigada a gastar para não passar privacidade. Contou que estava morando de favor na casa de um alemão, que na época da guerra deixara o país fugindo para a Argentina, deixando a casa aos cuidados de um amigo.

Meus pais não só acreditaram na história, que era verdadeira, como também a perdoaram pelo ocorrido. Como se não bastasse, aceitou o pedido dela para morar, bem nos fundos da casa, em dois cômodos. E ali ficaram por mais de dois anos.

Por essa época, minha mãe teve que se submeter a uma operação cesariana mal feita. Ela fora operada numa casa de saúde chamada Buarque de Lima, na Praça da Bandeira, onde dera à luz a uma criança que se chamaria Alípio. O natimorto foi sepultado no cemitério do Caju.

Minha mãe estava convalescente, não podia fazer os trabalhos de casa, nem pegar qualquer tipo de peso. Antonia se encarregava disso.

Naquela manhã, acordara cedo, como de costume, e dera pela falta da Antonia. Que teria acontecido? Sumiço total!...Antonia levara alguma roupa e sapato, mas não deixara nenhum bilhete explicando aquele ato.

Alguns meses mais tarde, fora localizada pela Noemi, em Copacabana. Então contou que Tereza havia arranjado um trabalho para ela, como serviçal numa casa de família rica. No dia desse encontro, Antonia trajava um uniforme, com avental e trazia na cabeça uma touca branca. Abraçou-se com Noemi e chorou muito. A madame, patroa dela, em conversa contou que logo nos primeiros dias Antonia ficara inconformada e chorava dia e noite. Nunca mais quis rever os que a consideravam como irmã.

Tio Nilo morreu aos oitenta anos, mais ou menos e Tereza padeceu por longos anos numa cadeira de rodas, abobalhada, sem a ninguém reconhecer.

Napoleão casou-se em Nilópolis, mas veio a falecer pouco tempo depois, vítima de atropelamento. Antônio, que ficara completamente cego após seu

casamento com a piauiense Maria das Dores (Dodô), voltou a morar em Teresina, na companhia dos sogros, falecendo depois. Maria Natividade também voltara para Teresina e faleceu de ataque cardíaco.

Dessa forma, praticamente desaparecia aquela família que fora rica e de prestígio, mas não soube gerenciar sua fortuna.

Aos poucos nossa família foi se habituando à vida em Nilópolis. Zila, Benedito e Augusta foram estudar em Nova Iguaçu, no Colégio Leopoldo. Zila fez o curso Técnico de Contabilidade e Benedito concluiu o Curso Científico, assim como Augusta; mais tarde, Benedito ingressou na Escola de Sargento das Armas – ESA, fazendo carreira militar. Ruth, Noemi, Belino e eu estudamos no Colégio Filgueiras, na época, de propriedade de Josué Filgueiras e Damaris Filgueiras.

Era um ensino de boa qualidade. Quase todos meus colegas de ginásio concluíram seus estudos. Uns se formaram em medicina, outros seguiram carreira militar, executivos, etc. Numa cidade pequena, como Nilópolis, todas as famílias se conheciam e, freqüentavam os mesmos ambientes. Desses colegas, os que mais se destacaram como amigos foram, Abrahão Zylberstein, médico; Francisco Rodrigues Parente, médico do INSS; José Schcheter, advogado, que depois de uma carreira política frustrada, com exílio na Bolívia, voltou e foi trabalhar numa usina de açúcar em Campos, como diretor, gozando das maiores mordomias que oferece o mundo capitalista.

De Nilópolis temos boas lembranças. Todos nós concluímos nossos estudos morando lá. Anos mais tarde, papai foi homenageado pela Câmara de Vereadores com o título de Cidadão Nilopolitano, pelo fato de ter contribuído para o progresso daquela cidade.

Quando fomos morar em Nilópolis, aquela cidade era 7º Distrito de Nova Iguaçu e só mais tarde se tornou independente. Seu primeiro prefeito foi um homem simples, e honesto, coisa rara, João de Moraes Cardoso Júnior. Nilópolis não tinha nada: nem hospital, nem ônibus que ligasse à capital do Rio de Janeiro, nem escolas de segundo grau, nem prefeitura, fórum, obviamente, enfim, tudo veio depois, exceto a velha estação da EFCB, que ficava em frente à nossa casa, no centro.

A partir daí, cada um de nós tomou seu caminho.

Nilópolis foi, por assim dizer, a nossa "Terra Prometida". Não tinha lá grandes recursos, mas estava próximo à capital da República, o que já fazia grande diferença para quem morava em Teresina. Não se podia comparar o que o Rio nos oferecia com a cidade que deixamos para trás. O clima, a simpatia, a hospitalidade do povo carioca, tudo nos fez esquecer aos poucos nossa terra natal.

As oportunidades de trabalho foram surgindo para meus irmãos mais velhos e, inclusive para papai que ingressou no serviço público, (Aeronáutica), através de concurso para marceneiro, que era sua profissão principal. Depois surgiu a oportunidade de estudar teologia e posteriormente fundar uma igreja batista, nos moldes tradicionais, sem influência do "marketing" das atuais igrejas chamadas evangélicas.

Com o tempo, através de um amigo, ficamos sabendo de uma casa para vender, na rua dos Expedicionários, 197. Era uma casa grande, quatro quartos, num terreno de 12m de frente por 50m de fundos. Um belo quintal com várias árvores frutíferas.

Papai não vacilou. Vendeu as oito casas de Teresina por Cr$ 80.000,00 (oitenta mil cruzeiros), e comprou a de Nilópolis por Cr$ 100.000,00 (cem mil

cruzeiros). Para tanto, valeu-se de um empréstimo na Caixa Econômica Federal.

Nilópolis crescia... Agora, a CTB instalou telefones modernos e nós fomos os primeiros a possuir telefone residencial. Depois, inauguraram uma linha de ônibus para o Rio, construíram um hospital e, podemos dizer, crescemos com Nilópolis.

Casamento

Enquanto lia o livro "O Livreiro de Cabul", de Asne Seierstad., Ed. Record, achei interessante encontrar alguma semelhança na forma de pedido de casamento entre rapazes e moças de Cabul, Afeganistão, e os teresinenses.

Não quero dizer que as moças de Teresina andassem vestidas de burca, aquele traje horrível que as cobrem da cabeça aos pés, não.. Não é isso. Refiro-me ao modo como tinham que se vestir, de maneira elegante e sóbria.

A roupa teria que ser bem passada, com ferro que exigia sempre um bom sopro dado pela passadeira, no buraco que ficava no fundo do ferro-de-engomar. Por baixo do vestido não podia faltar uma peça chamada de "combinação", para não deixar a roupa transparente, mostrando as linhas do corpo. Se a saia fosse rodada, exigiria ainda uma anágua, bem engomada, para deixá-la bem rodada.

Quando o pedido de noivado era para valer, geralmente os rapazes sondavam antecipadamente a família da moça, sempre através de uma tia, irmão, mãe, ou amiga da família, para saber se, pelo menos, seria bem atendido pelo pai da noiva, que seria o último a ser ouvido.A moça não participava, ficava de longe até ser chamada se fosse o caso.

Em princípio, o rapaz não poderia ser "sem eira nem beira", teria que ser mais ou menos do mesmo nível sócio-econômico-intelectual.

Em Cabul, essa empreitada fica a cargo, geralmente, de uma tia que chega até aos pais da moça e faz a "oferta", inclusive oferecendo um dote substancial, se não, a negociação não terá prosseguimento.

Só, então o rapaz pode visitar a casa da pretendente.

Na nossa família não poderia ser diferente.

Lembro-me de um frustrado noivado entre Zila e Edson Moitta, um vizinho nosso e colega do meu irmão, Benedito.

Edson estudava no conceituado Colégio Diocesano, e Zila, no Liceu Piauiense. Zila era uma aluna bem aplicada aos estudos. Basta dizer que era a primeira da turma e de todo o curso científico do Liceu. Era uma verdadeira CDF.

Quando a notícia do namoro chegou ao conhecimento do papai, de cara, ele achou um absurdo, porque ambos eram estudantes. Edson não teria condições de assumir um casamento. Todavia, para esclarecer o impasse, papai mandou-me à casa de Edson, com o recado de que queria falar com ele. Não ouvi o diálogo entre os dois, mas acho que essa entrevista foi mais com o propósito de dizer-lhe que não haveria consentimento.

Em que pese Edson ser um rapaz estudioso, de boa família, tinha umas atitudes às vezes infantis. Parecia até sofrer de algum desequilíbrio mental. Era desobediente ao pai que não perdia tempo em repreendê-lo, mesmo na presença de outras pessoas. Numa dessas vezes ouvi um diálogo entre os dois: Edson estava proibido de andar a cavalo quando fosse à fazenda, pois numa das vezes teria caído do cavalo e, por isso, sofreu uma operação cirúrgica, ficando com seqüelas: andava claudicando, o que sofreu de Uá (Antonia) um apelido pejorativo de "coxolé", parece que ela não gostava dele, também.

Mesmo assim, depois do "não" que recebeu de papai, ambos continuaram namorando, às escondidas.

Quando Edson passava na nossa calçada – a casa dele ficava do mesmo lado da nossa – sempre aproveitava a deixa para falar com Zila e combinar algum encontro.

Algumas vezes Zila me pedia para levar um livro até a casa dele, por empréstimo, e dentro do livro seguia um bilhete dela.

Quando papai descobriu a artimanha, muito chateado, resolveu fechar as duas janelas do quarto, com umas tábuas, para impedir qualquer visão ou conversa.

Zila escrevia nas tábuas colocadas nas janelas, não para o namorado, mas para quem lesse por dentro da casa, coisas desse tipo: "quem são essas duas mocinhas que estão presas nessa jaula?"

"Não são mocinhas não, são duas leoas que não podem olhar para a rua" – nesse quarto dormiam Zila e Augusta. Era aquilo uma forma de protesto.

Esse namoro permaneceu dessa forma, até que ficou resolvida a nossa emigração para o Rio de Janeiro, mas acho que durante algum tempo o drama de "Romeu e Julieta" se fez por cartas.

Quando, já no Rio, Zila conheceu Baldomero, com quem se casou e teve um casal de filhos, achava eu que havia esquecido completamente Édson; ledo engano.

Quando voltei de Teresina, em 2006, ela procurou saber comigo notícias da família Moitta, e perguntou pelo Edson, que gostaria de vê-lo novamente... Passei para ela que Edson se formara em odontologia, fora morar em Recife, mas já havia falecido.

Ela ficou desapontada e triste.

Dessa forma, perdi a oportunidade de assistir um casamento nos moldes do que conhecemos hoje. Era

mais ou menos comum ver passar pela rua Arlindo Nogueira casais de noivos que vinham da periferia, gente pobre, mas que optavam pelo costume da terra de desfilar pelas ruas da cidade até a igreja, ou foro, para contrair matrimônio. Os noivos à frente, ela de véu e grinalda, ele de terno e gravata. À passagem ouvíamos, às vezes, gritos de "viva os noivos", o que era repetido pelos acompanhantes. Não sei se esses gritos de "vivas" era mesmo para valer, ou gaiatice de algum gozador...

Era muito comum ouvir notícias de namorados que "fugiam" para a cidade maranhense de Flores (atual Timon), que ficava do outro lado do rio Parnaíba. Era só chegar até lá e casar-se, nesse caso os pais aceitavam a união. O que poderiam fazer?...

Ouvia falar de casamentos de filhas de gente rica, geralmente fazendeiros, que podia durar até três dias, com muita fartura de comida, como em Cabul.

Com a expulsão de portugueses do Piauí, nosso estado recebeu imigrantes árabes,os Tufics, Hadades, etc. e com eles, alguns costumes alimentares como alfinim, paçoca de gergelim, quibes... e o gosto pela carne de carneiro e cabritos.

Como não havia ainda luz e força elétrica, os banheiros não possuíam chuveiros: os banhos eram tomados com água aquecida em fogareiros, que eram colocadas em bacias ou baldes, porque não havia caixas d'água suspensas, como hoje conhecemos.

Os banheiros ficavam sempre fora da casa. Geralmente, se construíam tanques para reserva de água que serviam para lavar louça, beber, tomar banho e outras necessidades. No interior da casa, em vez de pia para lavar mãos e rostos, havia um chamado "lavatório" que consistia num móvel feito de madeira ou ferro-batido sendo que na parte

superior se colocava uma bacia esmaltada. No centro do móvel, um espelho e ao lado do espelho, um gancho para se expor uma toalha de rosto. Dos dois lados, alguns buracos num anteparo que servia para segurar os copos. Na parte inferior do "lavatório", ficava sempre um jarro esmaltado, com uma asa grande, alto, sempre contendo água para ser usada a qualquer tempo.

Na copa-cozinha da casa, se usavam um móvel de madeira, comprido, que ficava encostado na parede, como se fosse uma mesa estreita, tendo acima, dois lados, uns porta-copos e invariavelmente um objeto chamado "coco", de alumínio, com uma haste comprida para ser usado na coleta da água que ficava no pote e que seria colocada no copo para beber.

Esse móvel, só usado no Piauí, ou em Cabul, chamava-se "cantareira", ou seja, móvel para colocar os cântaros, como em Cabul.

Por essa época, foi lançada pelo Governo Federal uma campanha de combate à febre amarela.

Para tanto, o governo contratou o chamado mata-mosquito, que tinha ordem para visitar casa a casa, procurando focos de lavas do mosquito. Os mata-mosquitos usavam uma bandeirinha amarela que, quando da visita, ficava pendurada do lado de fora da porta da casa, para que todos a vissem, mesmo à distância.

Às costas, o mata-mosquito trazia um reservatório de petróleo diluído e à mão, uma lanterna de luz amarela. Servia para focalizar a água dentro de reservatórios e verificar se havia lavas. Em caso positivo, não hesitava em borrifar o petróleo dentro dos vasilhames infestados.

Um caso insólito aconteceu na casa de dona Lu. O mata-mosquito focalizou a luz amarela dentro de um pote que estava sobre a cantareira e constatou a

presença de lavas de mosquito. Incontinenti, borrifou o petróleo dentro do pote d'água, logicamente estragando todo o conteúdo, bem como o pote que ficaria impregnado com o gosto do petróleo.

Dona Lu não pensou duas vezes: segurou o pote com as duas mãos e atirou-o nos pés do mata-mosquito, molhando-o todo.

Os descendentes

Maria José Ferreira Barros, formada em medicina pela Faculdade Fluminense de Medicina, casou-se com Guilherme Borges, Engenheiro Agrônomo, formado pela Universidade Federal de Pernambuco; do casal nasceu uma filha, Guilmar Barros Borges. Guilmar casou-se com José Perez de Rezende e teve quatro filhos: André e Bruno Perez de Rezende, Mariana e Roberta Perez de Rezende.

Benedito Celestino de Barros, subtenente aposentado do Exército Brasileiro, casou-se com Elza Queiroz; o casal gerou três filhos: Roberto Celestino de Barros, Cirurgião-dentista; Sérgio Celestino de Barros, também Cirurgião-dentista e Shirley Queiroz de Barros, Arquiteta.

Zila Ferreira de Barros, Contabilista, funcionária aposentada do INSS, casou-se com Baldomero Lima de Araújo, eletricitário, e desse casamento nasceram os filhos: Rúbio Barros Araújo, bancário, e Ruth Barros Araújo, professora estadual de educação física.

Augusta Ferreira de Barros, Contabilista, permaneceu solteira.

Belino Ferreira de Barros (o único filho homem que, por lapso, não recebeu o sobrenome Celestino de Barros), casou-se em primeira núpcias com Dalva Barros, que deu à luz uma filha Josiane e em segundas núpcias, Belino casou-se com Maria Reis

de Barros, de quem nasceram os filhos, Belino dos Reis Barros; Maria José Genuíno Barros e Adília Genuíno Barros.

Ruth Ferreira Barros, casou-se com Décio Freire, Projetista Industrial, e gerou os filhos, Aristóteles Barros Freire e Guilherme Barros Freire.

João Luiz Celestino de Barros, previdenciário, bacharel e licenciado em letras pela Universidade Gama Filho, casou-se em primeira núpcias com Telma Poubel de Barros, professora de História e técnica em estatística do IBGE. Desse casamento, nasceram os filhos: Alexander Celestino de Barros, Advogado, Procurador da União, atualmente exercendo o cargo de Consultor Jurídico do Ministério de Ciências e Tecnologia e João Luiz Celestino de Barros Júnior, promissor empresário, iniciou seus estudos em comunicação na Universidade Gama Filho, sem, contudo, concluí-lo. Em segundas núpcias, João Luiz (pai) casou-se com Maria Lúcia Ribeiro de Barros, sem gerar filhos. Maria Lúcia, então, viúva de Manoel Oliveira, veio enriquecer a família de João Luiz com dois filhos: a graciosa Elaine Ribeiro Oliveira e Dalton Luiz Ribeiro Oliveira.

Vale acrescer que João Luiz Celestino de Barros, anteriormente ao casamento com Maria Lúcia, teve uma filha extraconjugal com a médica Marilene Pereira da Cruz que recebera o nome de Flavia Adriana da Cruz.

Alexander casou-se com Lia Fiúza de Barros, Advogada, daí nascendo uma filha, Beatriz Fiúza de Barros, estudante. João Luiz Celestino de Barros Júnior casou-se com Tatiana Avelar de Barros; do casamento nasceram os filhos, Tabatha Avelar de Barros, Matheus Avelar de Barros e Thiago Avelar de Barros, atualmente com dois anos, a alegria da família.

Noemi Ferreira Barros, assistente social, funcionária pública, faleceu aos trinta anos, solteira.

Nossa visita a Teresina em fevereiro de 2006. Da esquerda para a direita: Maria José, Leyenne, Elisa, Maria Lúcia e João Luiz. Ao fundo, parte de alegoria folclórica: "Cabeça de Cuia".

Josemary Ferreira Barros, funcionária Pública, casou-se com Ronaldo Caldas Von Paraski, Oficial do Exército Brasileiro, gerou os filhos, Roberto Barros Von Paraski; Gustavo Barros Von Paraski, Cínthia Barros Von Paraski e Ronaldo Barros Von Paraski.

Heliodoro Celestino de Barros, licenciado em letras, professor do Estado do Rio de Janeiro, casou-se com Suely Gomes e gerou os filhos: Heli José Celestino de Barros e Márcio Celestino de Barros.

Moisés Celestino de Barros casou-se com Vilcéia e teve um filho, Sérgio Celestino de Barros, bancário.

Abrahão Celestino de Barros casou-se com Sirley Pereira, que passou a chamar-se Syrlei Pereira de Barros, sem filhos.

Dias atuais

Vista panorâmica do "Velho Monge" - Rio Parnaiba

Fachada do Tetro 4 de Setembro

Vista panorâmica da parte moderna de Teresina.
Bairro do Jockey Club (Ininga).

João Luiz
Celestino de Barros